



CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS

Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U. nº 198, de 14/10/2016
AELBRA EDUCAÇÃO SUPERIOR - GRADUAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO S.A.

Bianka Azevedo Morais

GRUPO OPERATIVO NA ESCOLA COMO FERRAMENTA DE APRIMORAMENTO DE RELAÇÕES INTERPESSOAIS NA ADOLESCÊNCIA

Palmas – TO

2020

Bianka Azevedo Morais

GRUPO OPERATIVO NA ESCOLA COMO FERRAMENTA DE APRIMORAMENTO DE
RELAÇÕES INTERPESSOAIS NA ADOLESCÊNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso elaborado e apresentado como requisito parcial para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) II do curso de bacharelado em Psicologia do Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientadora: Prof.^a M.e Rosangela Veloso de Freitas Morbeck.

Palmas – TO

2020

Bianka Azevedo Morais

GRUPO OPERATIVO NA ESCOLA COMO FERRAMENTA DE APRIMORAMENTO DE
RELAÇÕES INTERPESSOAIS NA ADOLESCÊNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso elaborado e apresentado como requisito parcial para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) II do curso de bacharelado em Psicologia do Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientadora: Prof.^a M.e Rosangela Veloso de Freitas Morbeck.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a M.e Rosangela Veloso de Freitas Morbeck.

Orientadora

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Prof.^a M.e Ana Letícia Covre Odorizzi Marquezan.

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Prof. M.e Sonielson Luciano de Sousa.

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Palmas – TO

2020

*Dedico este trabalho à minha orientadora
Rosângela, esta que me ensinou sobre a riqueza
de trabalhar com grupos, sua imensa dedicação e
empenho me fez chegar até aqui.*

AGRADECIMENTOS

Toda minha gratidão e respeito à Deus, por demonstrar seu amor e cuidado a mim, por sempre me guiar, cuidar de cada detalhe em minha vida, por sua imensa bondade e misericórdia, por ter me sustentado e ter me presenteado com uma família que sempre me amou e me deu todo suporte necessário para alcançar meus objetivos.

Aos meus pais Zeneuton e Ana Hilda meu imenso agradecimento por todo o esforço e empenho na educação de seus filhos, por sempre acreditarem no nosso potencial e lutarem dia e noite em prol do nosso futuro. Aos meus irmãos Sthefanny, Ysabela, Ana Luiza e Weuton agradeço pela vida de cada um de vocês.

Agradeço as amigadas firmadas no decorrer do curso e aos professores por todos os ensinamentos, suporte e incentivo. Agradeço as pessoas do IFTO envolvidas para que esta pesquisa se tornasse possível e por fim, minha eterna gratidão a todos os adolescentes que participaram desta pesquisa.

RESUMO

MORAIS, Bianka Azevedo. **Grupo operativo na escola como ferramenta de aprimoramento de relações interpessoais na adolescência**. 2020. 65 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Psicologia, Centro Universitário Luterano de Palmas, Palmas/TO, 2019.

Esta pesquisa pretendeu promover uma discussão e reflexão sobre a experiência de participação dos adolescentes do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia (IFTO) campus Palmas em um grupo operativo na escola, intervenção realizada pelos acadêmicos de Psicologia do Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP) na disciplina Intervenção em Grupos. O estudo se realizou em primeiro momento pela pesquisa exploratória que tem por objetivo proporcionar uma visão ampliada sobre um determinado assunto. Para tanto, utilizou-se de leitura de artigos, teses e livros no período de agosto a outubro com o enfoque voltado para os temas sobre a fase de desenvolvimento adolescência, com foco nos relacionamentos interpessoais, grupo operativo sobre a perspectiva de Enrique Pichon-Rivière. Tratou-se de pesquisa aplicada em campo, com abordagem qualitativa, de caráter exploratória e descritiva. De modo que a técnica de coleta de dados utilizada, optou-se pelo método do grupo focal que proporciona ampla possibilidade dos participantes expressarem suas opiniões, conhecimentos e sentimentos sobre determinado tema. A análise dos dados foi subsidiada pelo método da Análise de Conteúdo, na qual se constitui como um conjunto de técnicas tendo como objetivo analisar a comunicação dos indivíduos. Desse modo as análises foram feitas usando os discursos dos participantes, sendo classificados em categorias tais como: Conviver em grupo, ser adolescente nos grupos nos quais estão inseridos, grupo operativo na escola e contribuições decorrentes da intervenção grupal, para posteriormente serem discutidas com o aporte teórico. Por fim, foi possível verificar que os objetivos descritos nesta pesquisa foram alcançados, por meio das narrativas dos participantes identificou-se que o grupo operativo no contexto escolar é visto como uma ferramenta útil de intervenção com adolescentes, visto que, proporcionou o aprimoramento de seus relacionamentos interpessoais.

Palavras-chave: Adolescência; Relacionamentos Interpessoais; Grupo Operativo.

ABSTRACT

MORAIS, Bianka Azevedo. **Operative group at school as a tool for improving interpersonal relationships in adolescence.** 2020. 65 f. Course Conclusion Paper (Undergraduate) – Psychology Course, Lutheran University Center Of Palmas, Palmas/TO, 2019.

This research aimed to promote a discussion and reflection on the experience of participation of adolescents from the Federal Institute of Education Science and Technology (IFTO) campus Palmas in an operative group at the school, an intervention carried out by Psychology students at the Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP) in the discipline Intervention in Groups. The study was carried out in the first instance by exploratory research that aims to provide an expanded view on a given subject. To this end, we used reading articles, theses and books from August to October with a focus on the themes of the adolescent development phase, with a focus on interpersonal relationships, an operative group on the perspective of Enrique Pichon-Rivière . It was applied research in the field, with a qualitative approach, exploratory and descriptive. So that the data collection technique used, we opted for the focus group method that provides ample possibility for participants to express their opinions, knowledge and feelings on a given topic. The data analysis was subsidized by the Content Analysis method, which constitutes a set of techniques with the objective of analyzing the communication of individuals. Thus, the analyzes were made using the speeches of the participants, being classified in categories such as: Living in a group, being a teenager in the groups in which they are inserted, an operative group at school and contributions resulting from the group intervention, to later be discussed with the contribution. theoretical. Finally, it was possible to verify that the objectives described in this research were achieved, through the participants' narratives, it was identified that the operative group in the school context is seen as a useful intervention tool with adolescents, since it provided the improvement of their interpersonal relationships.

Keywords: Adolescence; Interpersonal Relationship; Operating Group.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|-------|--|
| CEP | Comitê de Ética em Pesquisa |
| CEULP | Centro Universitário Luterano de Palmas |
| ECA | Estatuto da Criança e do Adolescente |
| ECRO | Esquema Conceitual Referencial Operativo |
| IFTO | Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia |
| NAC | Núcleo de Atendimento a Comunidade |
| OMS | Organização Mundial da Saúde |
| TALE | Termo de Assentimento Livre e Esclarecido |
| TCLE | Termo de Consentimento Livre e Esclarecido |
| ULBRA | Universidade Luterana do Brasil |

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|----|
| Tabela 1 - Artigos que usaram a metodologia de grupo operativo em suas pesquisas..... | 25 |
| Tabela 2 – Caracterização dos participantes do grupo focal..... | 38 |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 11 |
| 2 REFERENCIAL TEÓRICO | 14 |
| 2.1 DESENVOLVIMENTO INTERPESSOAL NA ADOLESCENCIA..... | 14 |
| 2.2 GRUPO OPERATIVO COMO INSTRUMENTO DE TRABALHO DIALÉTICO | 20 |
| 3 METODOLOGIA | 29 |
| 3.1 DESENHO DO ESTUDO (TIPO DE ESTUDO)..... | 29 |
| 3.2 LOCAL E PERÍODO DE REALIZAÇÃO DA PESQUISA | 30 |
| 3.3 OBJETO DE ESTUDO OU POPULAÇÃO E AMOSTRA | 31 |
| 3.4 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO | 31 |
| 3.4.1 Critérios de Inclusão | 31 |
| 3.4.2 Critérios de Exclusão | 31 |
| 3.5 VARIÁVEIS | 32 |
| 3.5.1 Variável Dependente | 32 |
| 3.5.2 Variável Independente | 32 |
| 3.6 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS, ESTRATÉGIAS DE APLICAÇÃO, REGISTRO, ANÁLISE E APRESENTAÇÃO DOS DADOS..... | 32 |
| 3.7 ASPECTOS ÉTICOS..... | 34 |
| 3.7.1 Riscos | 34 |
| 3.7.2 Benefícios | 34 |
| 3.7.3 Desfechos | 35 |
| 3.7.3.1 Primário | 35 |
| 3.7.3.2 Secundário | 35 |
| 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO | 36 |
| 4.1 CONVIVER EM GRUPO..... | 38 |
| 4.2 SER ADOLESCENTE NOS GRUPOS EM QUE ESTÃO INSERIDOS | 39 |
| 4.3 O GRUPO OPERATIVO NA ESCOLA..... | 43 |
| 4.4 POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DECORRENTES DA INTERVENÇÃO GRUPAL | 45 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 48 |
| REFERÊNCIAS | 51 |
| APÊNDICES | 57 |
| ANEXOS | 63 |

1 INTRODUÇÃO

Os indivíduos ao longo de seu desenvolvimento passam por fases como: gestacional, primeira e segunda infância, adolescência, adultez e velhice (SANTOS; NETO; KOLLER, 2014). Entende-se que em todas essas fases do ciclo vital, as mudanças sofridas marcam de forma significativa cada período, de maneira que para um bom desenvolvimento da etapa seguinte a anterior precisa estar bem consolidada para o indivíduo.

A adolescência fase de destaque desta pesquisa, possui muitas características sendo elas físicas, biológicas, psicológicas, cognitivas e sociais. O conceito de adolescência vem do latim que significa crescer, desenvolver-se ou tornar-se jovem (SANTOS; NETO; KOLLER, 2014). Dessa forma os autores mencionados partem do princípio de que a adolescência é fruto de uma construção social, que ao longo dos anos vem sendo moldada.

Da infância para a adolescência as relações interpessoais e de amizades sofrem modificações, na infância os amigos servem para participar das brincadeiras, explorar o ambiente, já na adolescência o grupo de amigos ajusta-se como um suporte das angústias, na qual, compartilham seus anseios, medos e experiência (DESOUSA; RODRÍGUEZ; ANTONINE, 2014). É na adolescência que as relações interpessoais e os grupos de amigos ganham centralidade na vida dos indivíduos.

Os adolescentes nesse período precisam desenvolver novas habilidades frente às mudanças biopsicossociais, dessa forma a vivência em grupo nessa fase é bastante comum, o grupo possui um papel fundamental na socialização desses indivíduos, contribui para a formação do conceito de identidade e construção de novas formas de se relacionar com as outras pessoas (RODRÍGUEZ; DAMÁSIO, 2014).

Percebe-se que na adolescência o uso de técnicas grupais de intervenção torna-se um meio viável para trabalhar questões de aprendizagem, promoção de saúde e treino de novas habilidades entre outros. Enrique Pichon-Rivière (2005) foi um autor que muito contribuiu para o trabalho com grupos, sua teoria e metodologia com grupos operativos tornaram-se de extrema importância e deu-se inicialmente após a experiência em um hospital psiquiátrico em Rosário (ZIMERMAN, 1997). O grupo operativo tem sido bastante usado por diversos profissionais e áreas do conhecimento como saúde e educação. O foco desta pesquisa recai sobre o uso do grupo operativo com adolescentes no contexto escolar.

Um dos conceitos abordados em sua teoria diz sobre a dialética que traz a ideia de movimento contínuo, transformação e aprendizagens dos sujeitos e de seus vínculos. Por meio da dialética ocorrem os processos de aprendizagens, onde o sujeito na relação com o outro e

seu meio elabora teses, antíteses que por sua vez geram sínteses e que, novamente surgem novas teses, caracterizado como um processo dinâmico, fluido e contínuo (PICHON-RIVIÈRE, 2005).

De acordo com Prati, Haack e Cielo (2014) às intervenções psicossociais com os adolescentes se fazem importante por abrir espaço com foco na prevenção de saúde. O grupo operativo com os adolescentes no contexto escolar tem grande importância para a vivência desses indivíduos, pois abre espaço para problematizações, aprendizagens e contribui para a construção de sua autonomia. Os processos grupais de aprendizagens decorrem de experiências que se configuram em um processo de mudança, os indivíduos se veem num movimento de estruturação, desestruturação e reestruturação (PEREIRA, 2013).

Assim, esta pesquisa se faz importante por abrir espaço para discussão sobre como as relações interpessoais são estabelecidas na adolescência e quais impactos estão ligados a bons relacionamentos, proporcionado aos adolescentes à vivência em espaço de discussão, onde esses indivíduos possam trocar experiências, desenvolver habilidades sociais, sendo o grupo um ambiente próprio nessa fase do desenvolvimento, assim como perceber de que maneira a psicologia pode intervir nos espaços educacionais utilizando-se de metodologias grupais.

Dessa forma, teve-se como objetivo geral identificar como as intervenções de grupos operativos, no contexto escolar promove aprimoramento nos relacionamentos interpessoais na adolescência. E objetivos específicos discorrer sobre a adolescência e formação de identidade e seus relacionamentos interpessoais, apresentar a teoria e metodologia de Pichon-Rivière com grupos operativos, conhecer a experiência dos adolescentes a partir da vivência em um grupo operativo na escola, identificar a contribuição da experiência no grupo operativo no aperfeiçoamento dos relacionamentos interpessoais e perceber de que maneira a psicologia pode intervir nos espaços educacionais utilizando-se de metodologias grupais.

Partiu-se da hipótese que os grupos operativos promovem aprendizagens que colaboram positivamente no desenvolvimento interpessoal desses adolescentes no contexto escolar. A fim de confirmar essa hipótese foi realizada uma pesquisa aplicada em campo, com abordagem qualitativa, de caráter exploratória e descritiva. Usando como instrumento de coleta de dados o grupo focal com adolescentes do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia (IFTO) e posteriormente análise dos dados através da Análise de conteúdo.

No primeiro capítulo fez-se uma explanação sobre o conceito da adolescência, abordando o termo como decorrente de uma construção histórica e social foi apontado aspectos ligados ao desenvolvimento biológico, psicológico e social, além de discutido sobre

o desenvolvimento psicossocial e formação da identidade, bem como formação de grupo e relações interpessoais.

No segundo capítulo foi abordado sobre o grupo como uma condição humana, foi apresentado pesquisas e trabalhos tratando sobre grupos, a classificação e diferença entre os tipos de grupos, operativo e psicoterápico. Foi exposta a teoria e metodologia de Pichon-Rivière, conceitos como dialética e apresentado alguns trabalhos que utilizaram em sua metodologia o grupo operativo de Pichon-Rivière.

Ao final desta pesquisa pretendeu-se identificar quais são as contribuições decorrentes da vivência em um grupo e nas relações interpessoais desses adolescentes que participaram do grupo operativo na escola conduzido por estagiário de Psicologia do Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP), e discutir a importância da inserção de Psicólogos no contexto escolar.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 DESENVOLVIMENTO INTERPESSOAL NA ADOLESCÊNCIA

A adolescência é um estágio importante e significativo na vida dos indivíduos, o marco dessa fase está ligado ao início da puberdade. Na puberdade as mudanças biológicas são universais e visíveis, levando os jovens ao que é esperado na fase adulta em termos de desenvolvimento (SANTOS; NETO; KOLLER, 2014).

Sherif e Sherif (1961) caracterizam a adolescência como um período de transição que vai desde a puberdade até a fase adulta de desenvolvimento. Para Tiba (1986), a puberdade seria o conjunto de mudanças psicológicas e fisiológicas ligadas à maturação sexual, que marca a passagem progressiva da infância à adolescência.

Há uma mudança cronológica da adolescência; segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) a adolescência compreende como um período que vai dos 10 aos 19 anos. Já o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) Lei 8.069, de 1990 considera adolescente o indivíduo que possui entre 12 e 18 anos de idade (BRASIL, 1990, 2018). Há uma discussão muito presente de que essa fase do desenvolvimento é uma construção social que inicia com marco biológico e termina no social.

Muitas são as características que marcam essa fase sendo elas: físicas, biológicas, cognitiva, psicológica e social. No aspecto físico e biológico são características universais, identifica-se nesse período o desenvolvimento dos órgãos sexuais no qual aumentam de tamanho e desenvolvem-se por completo, há o aumento dos seios nas meninas, alteração da voz nos meninos e crescimento dos pelos pubianos, ocorre também nos meninos a primeira ejaculação e nas meninas a primeira menstruação, além de tantas outras características (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Segundo Papalia e Feldman (2013), do ponto de vista cognitivo, os adolescentes possuem processamento das informações sobre as emoções diferente do adulto, o pensamento pode ser classificado como imaturo, pois ainda está em desenvolvimento, o adolescente adquire capacidade de raciocinar em termos abstratos, o que Piaget (1972) chamou de estágio operatório-formal. Tal capacidade citada acima reafirma a nova etapa de desenvolvimento em que o adolescente se encontra, já não pensa, não se relaciona e não se comunica mais como uma criança, essas mudanças sofrem adaptação para sua nova condição de desenvolvimento.

Piaget (1976) ao abordar sobre as operações formais traz o conceito de pensamento hipotético dedutivo, na qual o pensamento dos indivíduos nesse período se desenvolve ao

ponto de obterem capacidade de pensar de forma lógica, sistemática e hipotética sobre as modificações que ocorrem ao seu redor. As proposições são deduzidas podendo ser comprovadas ou não, há uma capacidade de pensar em termos de probabilidade.

Arelado à capacidade de pensar em termos abstratos, os adolescentes passam a obter capacidade de definir e discutir temas antes difíceis quando crianças, o desenvolvimento da linguagem torna-se muito mais precisa, na perspectiva social há uma capacidade de adaptar suas conversas e conhecimentos ao ponto de vista das outras pessoas com quem se relacionam. Essa capacidade é essencial para persuasão até mesmo no desenvolver e manter conversas educadas (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Outra característica marcante e extremamente importante durante a adolescência se refere ao desenvolvimento psicossocial do adolescente. Para Oliveira (2006), durante a adolescência o indivíduo passa por transformações físicas, biológicas de maturação sexual, embora essas mudanças sejam universais a todos os indivíduos, esse processo sofre grande influência da cultura. O adolescente precisa coordenar todas essas mudanças junto a uma identidade pessoal e social. Considerando-se desse modo que a construção da adolescência se dá primeiramente no aspecto físico e biológico, porém é na cultura que ela se desenvolve, havendo dessa forma várias possibilidades de se vivenciar essa fase chamada adolescência.

A adolescência como uma construção social ficou conhecido ao longo do século XX tornando-se uma fase de desenvolvimento legitimada. Antigamente, crianças passavam para a idade adulta, assim que adquiriam capacidade física e intelectual suficiente para exercer atividade profissional (PAPALIA; FELDMAN, 2013). O conceito passou por mudanças significativas ao longo das civilizações até chegar ao momento atual, onde a adolescência é entendida como uma fase normal de desenvolvimento que compreende a passagem da infância para a então idade adulta, mas nem sempre foi considerada uma fase “normal”.

Segundo Aguiar, Bock e Ozella (2001) em uma síntese apresentada no decorrer de seus estudos sobre a adolescência, afirmaram que Stanley Hall (1904), ainda no século XX aliado a Psicanálise introduziu o conceito de adolescência como objeto de estudo dentro da psicologia. Para este autor essa fase do desenvolvimento era marcada por conflitos e conturbações atreladas a sexualidade. A percepção da adolescência nesse contexto é vista como um período de crise dentro da própria ciência, onde popularmente essa fase é reconhecida como “aborrecência”, sendo um período difícil e negativo na vida dos indivíduos. Conceito este, não mais usado na ciência atual ao se tratar da adolescência.

Para Santos, Neto e Koller (2014) os conceitos envolvidos na caracterização da adolescência têm por base uma perspectiva sócia histórica, construída ao longo dos tempos.

Assim a adolescência adquiriu significados condizentes com a cultura atual. Ou seja, o que a sociedade contemporânea considera como adolescência, há uma possibilidade de tal conceito ou característica ser diferente futuramente.

Aberastury (1981) ao estudar a adolescência também constatou que esta possui não apenas características individuais, além desta, estão envolvidas características culturais, sociais e históricas. Para esse autor a adolescência se caracteriza como um processo normal de desenvolvimento ocorrendo assim à busca de si e da identidade, há uma forte tendência grupal, desenvolvimento de pensamento abstrato e necessidade de fantasiar, crises religiosas, deslocamento temporal, evolução sexual, contradições e manifestações de conduta, afastamento dos pais, e mudanças no humor.

Ainda sob essa perspectiva, Knobel (1981) aborda que elementos socioculturais influenciam no determinismo específico da adolescência, assim como, através desses elementos socioculturais existe um embasamento psicobiológico com características que se tornam universais a todos os adolescentes. Ou seja, essa perspectiva evidencia que o contexto social influencia sobre a experiência da adolescência no plano individual, bem como condições intrínsecas aos sujeitos podem ocorrer de modo universal.

No Brasil, alguns autores ao estudarem sobre a adolescência identificaram que nesse período características psicológicas se tornavam diferentes aos indivíduos dependendo da cultura onde estavam inseridos. Entende-se que a cultura afeta no psiquismo dos indivíduos e a forma de experimentar esse fenômeno chamado adolescência (SANTOS; NETO; KOLLER, 2014). Nesse sentido é preciso compreender a cultura em que o adolescente está inserido, sendo possível identificar quais as características esperadas para esse período de desenvolvimento.

Partindo dessa perspectiva, escola, família e sociedade influenciam e sofrem influências do processo chamado adolescência (ARAÚJO; ROCHA; ARMOND, 2007). Para Morais, Lima e Fernandes (2014) ao abordarem as famílias e o desenvolvimento da adolescência afirmam que é imprescindível compreender as múltiplas relações estabelecidas entre esses indivíduos, sendo necessário estender essas relações para os demais contextos ligados ao sujeito. Compreender as particularidades dessas relações nesses diversos contextos possibilita uma visão expandida da adolescência e sobre como ela é vivida pelos indivíduos.

Considerando a família como primeiro ambiente social de contato do indivíduo, se percebe profundas transformações ao longo dos anos, da mesma forma em que ocorreu na sociedade. Morais, Lima e Fernandes (2014) ilustram esse fato citando as características das famílias coloniais, na qual a estrutura do patriarcado tinha forte influência no contexto

familiar, a economia que predominava era a escravocrata, o funcionamento da família fundamentava-se nas leis da igreja. Na era moderna por conta da industrialização e urbanização as famílias passaram a ter dinâmicas diferentes tanto no modo de subsistência como em suas relações. Tendo em vista tais transformações ocorridas ao longo dos séculos, afetaram não somente as famílias, como também toda uma sociedade e o modo de funcionar nela.

Para Oliveira e Marinho-Araújo (2010), a família é a primeira fonte de educação para o indivíduo, sendo ela responsável e influenciável, sobretudo na forma como esse indivíduo se relaciona com o mundo. Moraes, Lima e Fernandes (2014) do mesmo modo, entendem a família como uma conjuntura de que alguma forma afeta o desenvolvimento dos adolescentes. A família é então entendida, como um ambiente capaz de moldar esse fenômeno adolescência em aspectos tanto naturais quanto patológicos, dependerá das relações estabelecidas entre esses indivíduos.

Sob a perspectiva do ensino e aprendizagem, com o passar do século XX a escola vem tentando conciliar a transformação ocorrida com a nova atualidade da cultura (CAVALIERE, 2007). Desse modo foi preciso pensar em um modelo de escola que seja inovadora, capaz de tornar seus alunos participantes ativos no processo de ensino-aprendizagem, assim requer mudança nas decisões de planejamento político, pedagógico, de professores e alunos (ALARCÃO, 2007). Cabendo a escola oferecer condições para o adolescente se desenvolver socialmente como o meio em que se relaciona.

Como já citado acima sobre algumas das transformações que ocorrem nos indivíduos, é na adolescência que a tendência grupal se apresenta como uma forte característica atrelada ao desenvolvimento psicossocial. Segundo Silva, Viana e Carneiro (2011) o grande referencial para os jovens são os amigos, nesse meio o grupo dita as regras de vestimentas e outros aspectos de seu comportamento, no grupo o jovem inicia a construção de sua própria moral, que é referência da moral do grupo. Percebe-se desse modo que a condição de grupo é intrinsecamente ligada aos indivíduos desde o nascimento.

Kurt Lewin (1965) ao estudar as dinâmicas de grupo, identificou que o contexto detém grande influência sobre a conduta dos indivíduos em grupo e a percepção do indivíduo sobre o mesmo. Ou seja, existe uma relação interdependente entre indivíduo e contexto social, compreender como essas influências afetam as relações se torna importante. Os adolescentes quando juntos, aprendem uns com os outros, sendo uma fase onde procuram firmar relações com outros adolescentes, estar em um grupo é uma forma de aprender sobre si mesmo e sobre o mundo, sendo um processo dinâmico (GODOI; FREITAS, 2008).

Rodrigues (2004), em sua tese de doutorado, cita alguns autores que abordaram o estudo e conceito dos grupos ao longo dos tempos. Emile Durkheim (1953) foi o primeiro a abordar sobre uma consciência coletiva que remete a um pensamento grupal, já Le Bon (1895) estudou algo que definiu como uma alma pertencente às massas. Diante desses dados algumas teorias da psicologia e outras ciências foram fortemente influenciadas pelos estudos dos grupos.

Ainda sob a perspectiva grupal, Silva, Viana e Carneiro (2011) abordam que na adolescência os indivíduos passam por um processo de interiorização, na qual há um afastamento da família, geralmente não costumam aceitar conselhos vindo de pessoas mais velhas, a sociedade vira seu ponto chave de reflexão. Na medida em que vão se amadurecendo cognitivamente, esses indivíduos conseguem organizar seus pensamentos, coordenando-os junto a sua ação no ambiente. Diante do exposto é possível identificar que a família enquanto grupo primário ao sujeito tem um papel importante no desenvolvimento dos adolescentes, ao criar laços bem consolidados desde o nascimento, proporciona aos indivíduos capacidade de vivenciar os períodos de mudanças com segurança em suas escolhas no decorrer de todo o desenvolvimento.

Dessa forma, a teoria do apego desenvolvida por John Bowlby tem grande importância. Para Bowlby (1989) quando ambos, pai e mãe constroem uma base segura para seu bebê, promovem futuramente que a criança e o adolescente tenham a plena capacidade de explorar o mundo com segurança, sabendo que sempre que precisarem dos pais eles estarão lá para ajudá-los. Tais teorias refletem a complexidade das relações que surgem da falta de apegos e de segurança bem estabelecida. É na adolescência que essas questões vêm à tona, influenciam como a adolescência é vivida por esse sujeito e principalmente como suas relações interpessoais são estabelecidas.

Foi Erikson (1976) que instituiu a adolescência em seus estudos sendo caracterizado como uma fase especial do desenvolvimento, na qual há uma confusão de papéis e identidade. Ao formular sua teoria Erikson identificou que na adolescência ocorre a 5ª fase de desenvolvimento psicossocial, onde o indivíduo passa uma crise de identidade, assim não se encaixa mais em características infantis, sendo preciso encarar as novas transformações biológicas, havendo assim confusão de papéis esperado para essa fase.

Assim, como Erikson (1976), outros teóricos também desenvolveram suas teorias acerca da adolescência. Henry Wallon (2007) desenvolveu concepções a respeito do processo de formação da personalidade do indivíduo, na qual conceitos como afetividade e inteligência estão implicados nesse processo. Para Wallon (2007) esse processo é dinâmico de forma que a

cada fase o fenômeno do desenvolvimento sobrepõe o outro ora tendem a experimentar o mundo interior, ora exterior (GRATIOT-ALFANDÉRY, 2010).

Para Aberastury e Knobel (1981), entrar no mundo dos adultos, para o adolescente, significa cada vez mais o distanciamento da sua condição de criança, sendo um momento importante e decisivo na vida dos indivíduos, um desprendimento que começou desde o nascimento. Sob a mesma perspectiva Oliveira (2006) cita que no decorrer das transformações físicas os adolescentes vão à procura de uma nova identidade condizente com sua nova realidade.

Segundo Gratiot-Alfandéry (2010), Wallon (2007) identificou que na adolescência (5º estágio) os indivíduos experimentam conflitos internos e externos, em virtude de sua nova condição física e psíquica, dessa forma o indivíduo volta suas ações para si mesmo, como uma forma de defesa frente a todas as transformações envolvendo sua sexualidade.

Em meio a tantas modificações que essa fase do desenvolvimento proporciona aos indivíduos, ela deve ser entendida como um processo natural. Segundo Aberastury (1981), a adolescência se caracteriza como um processo normal onde ocorre assim à busca de si e da identidade, há uma forte tendência grupal, desenvolvimento de pensamento abstrato e necessidade de fantasiar, crises religiosas, deslocamento temporal, evolução sexual, contradições e manifestações de conduta, afastamento dos pais, e mudanças no humor.

Ainda durante essa fase de desenvolvimento interpessoal o indivíduo precisa sentir que tem a oportunidade de decidir por si próprio, sendo que ao mesmo tempo tem medo de ser forçado por terceiros a atividade para as quais não se sinta confortável ou ao mesmo serem expostos (ERIKSON, 1987). Como citado anteriormente é nesse momento em que os adolescentes se afastam de suas famílias e se unem a outras pessoas formando seus próprios grupos.

Segundo Rodríguez e Damásio (2014), é durante a adolescência que ocorre a possibilidade de experimentar diversos papéis sociais, novas formas de relacionamentos, novas habilidades cognitivas, tais mudanças permitem o indivíduo refletir sobre si mesmo e sobre o mundo que o cercam, construindo a própria teoria sobre si mesmo. Assim percebe-se o aprimoramento dos relacionamentos interpessoais, os adolescentes experimentam novos contextos para além da família, permitindo-se participar de novos grupos sociais.

De acordo com Erikson (1987), os adolescentes ao se depararem com situações difíceis de resolver, precisam sentir segurança frente às transformações que ocorrem ao seu redor, essa segurança só é possível se os estágios anteriores do desenvolvimento forem bem

consolidados. Entende-se que os estágios anteriores do desenvolvimento psicossocial têm influência sobre como o indivíduo enfrenta as mudanças que surgem no seu meio.

Assim, durante todo o desenvolvimento da adolescência, o sujeito passará por transformações que são necessárias para a formação de sua identidade. Oliveira (2006) aborda que o conceito de *self* se produz na medida em que o sujeito internaliza e externaliza suas próprias experiências com os outros. Esse período que compreende toda a adolescência é marcado por muitas mudanças no corpo, psiquismo, cultura e relações interpessoais. A síntese que é feita pelo indivíduo da nova realidade que a cerca é produto final de sua personalidade.

2.2 GRUPO OPERATIVO COMO INSTRUMENTO DE TRABALHO DIALÉTICO

O grupo é uma condição tão antiga quanto a humanidade, estar inserido em um grupo faz parte de várias espécies, os seres humanos nasceram e cresceram para viver em coletividade desde o nascimento até a morte. Assim, o conceito de grupo pode ser entendido como a união de pessoas interagindo mutuamente entre si (AMARAL, 2007). Para Mailhiot (2013) o grupo para o indivíduo, serve como uma ferramenta e é por meio das relações estabelecidas nesse grupo, que surgem da satisfação de suas próprias necessidades.

A origem do estudo e trabalho com grupos deu-se inicialmente com Kurt Lewin na Psicologia Social pouco antes de 1947. Em seus trabalhos desenvolveu a ideia de trabalhar as relações humanas com enfoque em treino de capacidade (ROGERS, 1994). Atualmente o trabalho envolvendo grupo tem ganhado cada vez mais espaço. Na área da psicologia, assistência social, enfermagem, esses profissionais fazem uso dessas técnicas visando promover educação em saúde (PEREIRA, 2013; ARAÚJO *et al.*, 2007; ARAÚJO, 2007; LUCCHESI, 2014; OLIVEIRA *et al.*, 2016; KODA *et al.*, 2012). Dessa forma se torna ampla a possibilidade de atuação e aplicação da dinâmica por meio dos grupos.

Segundo Lewin (1965), para compreender as atitudes sociais de um indivíduo e de um grupo é necessário conhecer os diferentes contextos em que ambos estão inseridos, entendendo assim que esses contextos influenciam no comportamento das pessoas, dessa forma, nem o comportamento de grupo nem o individual pode ser explicado somente tendo como base a história, entendendo assim, que os comportamentos são frutos de uma relação dinâmica (MAILHIOT, 2013). Assim é por meio das relações que estabelecemos com os outros que vamos construindo nós mesmos, trazendo a noção de interdependência nas relações.

Do ponto de vista da finalidade dos grupos, considerando a atuação do psicólogo, Zimerman (1997) classifica os grupos em dois: grupo operativo abrangendo ensino-aprendizagem, institucionais, comunitários e terapêuticos. E grupo psicoterapêutico, ligado a uma abordagem psicoterapêutica como na teoria sistêmica, psicodrama, cognitivo comportamental, psicanalítica. Para esse autor os fenômenos envolvidos no campo grupal se tornam os mesmos em todos os grupos, o que difere é para qual finalidade esse grupo foi criado.

Os grupos operativos, foco desta pesquisa, foi objeto de estudo para Pichon-Rivière, médico, psicanalista suíço/argentino. O ponto de partida para o trabalho com grupos deu-se na experiência de Rosário em 1958 (PICHON-RIVIÈRE, 2000; ZIMERMAN, 1997). Bastos (2010) aborda que a técnica dos grupos operativos começou a ser estruturada por Pichon a partir de uma experiência no hospital de Las Mercedes em Buenos Aires. A teoria do grupo operativo também foi influenciada pela teoria de campo de Lewin, a tarefa, o conceito de esquema conceitual referencial operativo, além da concepção geral dos grupos (PICHON-RIVIÈRE, 2000).

Pichon-Rivière (2000), ao desenvolver sua teoria sobre os grupos operativos, foi influenciado por várias fontes teórico/filosóficas tais como a Psicanálise na interpretação e leitura dos processos grupais com objetivo de tornar explícito o conteúdo implícito, a teoria de campo de Kurt Lewin onde esse autor aponta que os indivíduos afetam e são afetados na relação com o grupo e o Psicodrama de Moreno ao combinar que as representações unem as ações à palavra, os integrantes do grupo tem a oportunidade de experimentar vários papéis (ZIMERMAN, 1997).

Os principais conceitos envolvidos na teoria e metodologia do grupo operativo dizem sobre a dialética, na qual Pichon-Rivière (2000) adota uma visão dialética entre os processos internos e externos do indivíduo, onde o processo terapêutico desenvolve-se em um espiral contínuo, e não de forma linear. Entende-se por dialética a capacidade de trocas entre o interno e externo em que há uma inter-relação como o meio, tal processo só é possível de se desenvolver numa espiral contínuo, tornando o conteúdo inconsciente em consciente, dessa forma é um processo constante e dinâmico, não segue uma linha reta.

Para Pereira (2013), a totalidade é maior que a soma das partes na dialética. Essa totalidade é construída pelo sujeito a partir da sua realidade e pela síntese que é capaz de realizar. Pichon-Rivière (2005) refere-se ao conceito de dialética como um processo que envolve a capacidade de diálogo e reflexão no grupo. Sob a mesma lógica, Rogers (1994) aborda que as aprendizagens decorrentes da experiência em grupo tendem a transpassar

temporariamente ou até mesmo de forma duradoura para outras relações. É no contexto grupal que aparecem as condições ligadas à mudança.

Levando em consideração a teoria de Pichon-Rivière (2000), o adoecimento psíquico é entendido como um processo decorrente de ruídos na comunicação, na compreensão equivocada da mensagem repassada. Dessa forma, a espiral dialética se torna em um círculo fechado e rígido, onde não há uma capacidade de adaptação, conseqüentemente essa estrutura patogênica prejudica a presença do vínculo entre os indivíduos. Desse modo, o que causa o adoecimento psicológico para o autor, é a forma como as pessoas se comunicam e se relacionam, a falta de clareza, de entendimento (PICHON-RIVIÈRE, 2000).

O trabalho com grupo operativo tem por objetivo promover um espaço que leve os indivíduos a processos de aprendizagem. O aprender para o grupo significa assumir uma postura reflexiva, investigadora da sua realidade (BASTOS, 2010). Percebe-se dessa forma que os participantes trazem questões que estão a sua volta, assim, em grupo compartilham suas dificuldades, aprendizagens e experiências. Tais vivências se configuram no que Pichon-Rivière (2000) abordou sobre vínculo. Para o autor, o vínculo diz sobre a maneira particular que cada indivíduo se relaciona com o seu meio.

Essas aprendizagens só se tornam possíveis frente à capacidade do indivíduo de adaptar-se de forma ativa de acordo a sua realidade, assim o sujeito sadio à medida que interage e transforma o objeto, modificando também a si mesmo, no que foi chamado de inter-jogo dialético (PICHON-RIVIÈRE, 2000, 2005). Assim é na relação que ocorrem as trocas, sendo o grupo um campo social que permite essa troca de experiência, dando espaço para que os indivíduos vejam novas percepções.

Para Lewin (1965) é no social, na interação com o meio que ocorrem à formação e a transformação de atitudes coletivas (MAILHIOT, 2013). Ou seja, partindo dessa premissa as relações nas quais os indivíduos estão inseridos influenciam e sofrem influência. As ações são moldadas naquilo que uns esperam dos outros e no que é socialmente aceito por determinado grupo e cultura, o não seguimento desta lógica coloca o sujeito em uma condição de adoecimento.

Percebe-se, assim, a aplicabilidade do conceito de campo grupal que Pichon-Rivière (2000) usa da teoria de Kurt Lewin (1965). Esse campo grupal como sendo um espaço onde múltiplos fatores e elementos psíquicos estão articulados entre si, assim, a maneira como cada um se comporta influencia no comportamento dos demais (ZIMERMAN, 1997). O campo é um espaço onde esses indivíduos ao participarem do grupo tem a possibilidade de reflexão e ação, focado no aqui e agora.

Para Pichon-Rivière e Bauleo (2000), na interação dos indivíduos em um grupo operativo, os conceitos de pré-tarefa, tarefa e projeto aparecem. Estes estágios representam as fases que o grupo tende a experimentar no processo de aprendizagem. Na pré-tarefa surgem ansiedade e medo frente a mudanças, assim causa nos indivíduos atitudes defensivas, implicando na resistência a mudança. Na tarefa os indivíduos passam a realizar tarefas que tem o objetivo de diminuir essas resistências, o ponto chave nessa fase é tornar consciente todo conteúdo inconsciente e que causa sofrimento. E por fim o projeto seria a totalidade dos elementos e a possibilidade de atuar sobre eles de forma crítica.

Pichon-Rivière (2000) ao definir grupo operativo, afirma que este também é considerado terapêutico na medida em que promove uma tarefa a ser realizada. O grupo operativo é instrumento de trabalho, nele estão implicadas dificuldades individuais, quebra de estereótipos e identificação dos obstáculos que impedem o pleno desenvolvimento do indivíduo, dessa forma o grupo propicia condições para o enfrentamento dos problemas tornando-se desse modo um grupo terapêutico (ZIMERMAN, 1997).

Quanto ao planejamento e funcionamento de um grupo operativo, deve-se ter uma clara compreensão para qual finalidade o grupo está sendo criado, dessa forma pode ser classificado como homogêneo, heterogêneo, vertical ou horizontal, qual o público alvo e idade dos participantes, quem coordenará e observará quanto tempo o grupo irá durar (ZIMERMAN, 1997).

Outro fato pertinente ao grupo operativo são os papéis desempenhados pelos integrantes. Ao citar esses papéis do grupo Pichon-Rivière (2000) descreveu que inicialmente tendem a ser fixos. Bode expiatório, porta-voz, e líder são alguns desses papéis. Dessa forma o porta-voz é aquele que denuncia o grupo na forma de acontecer, partilham as ansiedades, medos e fantasias de todos os integrantes. No papel do bode-expiatório ocorrem forças de segregação entre esses participantes, o líder por outro lado se torna o depositário de todos os aspectos positivos (PICHON, 2000).

Os papéis desempenhados pelo coordenador e observador também influenciam no desempenho do grupo. Segundo Zimerman (1997), algumas características do coordenador são necessárias e indispensáveis para o trabalho com grupos dentre elas: gostar e acreditar no trabalho desempenhado, ser uma figura capaz de conter e acolher as emoções, sempre pautar seu trabalho com respeito ao próximo, agindo eticamente, ser coerente, verdadeiro, estimular a capacidade de pensar e ser um ego auxiliar durante o processo grupal.

O observador participa indiretamente, seu trabalho consiste em colher todos os conteúdos expressos pelos participantes, sejam comportamentos, falas entre outros

(ZIMERMAN, 1997). Cabe também anotar esses dados e discutir posteriormente com o coordenador, com o intuito de pensar nas próximas intervenções. Por outro lado, quanto mais esses papéis assumem uma posição fixa na vida dos indivíduos, mais adoecidos se tornam, sendo necessário que esses assumam aspectos dinâmicos propiciando ao indivíduo saúde (FISCMANN, 1997).

O conceito de tarefa é claramente abordado no grupo operativo, sendo o produto final da experiência grupal. Fiscmann (1997) ao citar sobre a tarefa no grupo, sustenta que o propósito desta é tentar resolver através de um denominador comum as ansiedades do grupo. A cura de um grupo de aprendizagem ocorre na medida em que a tarefa tem foco na resolução das ansiedades ligadas a processos de aprendizagem (PICHON-RIVIÈRE, 2000).

Os vetores estão diretamente ligados ao cumprimento da tarefa. O primeiro vetor é chamado de afiliação ou identificação, onde no início o indivíduo se mantém distante. Mais tarde o indivíduo passa para a fase de pertença (segundo vetor), assim já se sente confortável o suficiente para integrar-se com os demais. A cooperação (terceiro vetor) vai surgindo na medida em que os integrantes vão se relacionando uns com os outros, ainda que de forma silenciosa. Na pertinência (quarto vetor) o grupo centra-se na tarefa prescrita. O quinto vetor é chamado de comunicação e focaliza sobre como se dá a comunicação entre os membros, podendo ocorrer tanto verbal quanto não verbal. Sendo importante analisar não só o conteúdo, mas o como e o quem nesse processo. A aprendizagem sexto vetor, decorre de toda a experiência grupal, ocorre um somatório de informações que passa do *status* de quantidade para qualidade. E por último a tele, também conhecido como clima grupal, onde ocorrem transferências positivas e negativas dos integrantes entre si (PICHON-RIVIÈRE, 2000).

Rogers (1994) afirma que durante um processo grupal, há um movimento de *feedback* entre os participantes, de modo que, cada indivíduo compreende como é percebido pelo outro e que efeito essa modalidade tem nas relações interpessoais. Dessa forma percebe-se que em uma experiência grupal os indivíduos partilham seus anseios, medos e experiências, na qual se chega a um denominador comum, sendo na tarefa o foco em resolver esses anseios.

Os processos tanto grupais quanto de aprendizagens decorrem de experiências que se configuram em processos de mudanças, os indivíduos se veem num movimento de estruturação, desestruturação e reestruturação (PEREIRA, 2013). Dessa forma o conceito de Esquema Conceitual Referencial Operativo (ECRO) é abordado como sendo decorrente da interação dialética entre os membros do grupo, sob essa perspectiva, o grupo tem a capacidade de integrar as experiências que possibilitam a resolução da tarefa grupal (PICHON, 2000).

Pichon-Rivière (2000) afirma que esse esquema é referencial na medida em que discriminamos e relacionamos com um esquema a priori, ou seja, concebido anteriormente, nessa mútua comparação entre um esquema já concebido e um novo referencial sempre tido como inacabado, deve-se considerar como um processo contínuo, pois a todo momento os indivíduos estão realizando assimilações e acomodações entre o que já existe e o que é novo.

Como abordado anteriormente no decorrer do capítulo, observando-se que o grupo operativo trata de uma modalidade de intervenção que se desdobra para vários campos possíveis de atuação e profissionais envolvidos não só da psicologia, na tabela abaixo constam algumas possibilidades de intervenção com grupos no contexto da educação e da saúde. A tabela tem a intenção somente de apresentar de forma organizada o material encontrado em exposição esteticamente agradável. Não se trata da utilização do método sistemático de revisão de literatura.

Tabela 1. Artigos que em suas pesquisas usaram a metodologia do grupo operativo.

| Título do artigo | Autor/Ano | Resultados |
|--|---|--|
| Da tendência grupal aos grupos operativos com adolescentes: A identificação dos pares facilitando o processo de orientação em saúde. | Alisson Araújo, Regina Lunardi Rocha e Lindalva Carvalho Armond (2007). | O grupo operativo como estratégia de educação em saúde tem se mostrado como uma opção válida, a aprendizagem grupal possibilita aos profissionais da saúde trabalhar fatores de proteção à saúde do adolescente. |

| | | |
|---|--|---|
| <p>Tese de Mestrado. O grupo de adolescentes na escola: A percepção dos jovens participantes.</p> | <p>Alisson Araújo (2007).</p> | <p>O grupo operativo na escola tem se mostrado com grande relevância, fornece espaços para aprender e ensinar. O sendo de pertencimento nos jovens proporciona a troca de experiências. Dessa forma os resultados desta tese de doutorado apontam que os adolescentes veem a metodologia participativa do grupo operativo como facilitadora do processo de aprendizagem e criatividade.</p> |
| <p>Grupo com Agentes Comunitárias: A construção de novas possibilidades de cuidar.</p> | <p>Mirna Yamazato Koda, Diego Vinícius da Silva, Maria Aparecida dos Santos Machado, Sabrina Maria da Silva Naldos (2012).</p> | <p>O trabalho na modalidade grupal permitiu aos ACS's a possibilidade da construção de um espaço para a elaboração e superação de algumas questões próprias e pertinentes ao seu trabalho. Esse espaço levou os agentes comunitários a se sentirem fortalecidos no seu desempenho enquanto profissional da saúde.</p> |
| <p>O ensino de práticas grupais em enfermagem norteados pelo referencial de Pichon-Rivière.</p> | <p>Joselma Lucchese, Bruno de Souza Calixto, Ivânia Vera, Núbia Inocência de Paula, Camilla Lucchese Veronese, Carla Natalina da Silva</p> | <p>Os resultados obtidos decorrentes da intervenção com o uso do grupo operativo se mostraram importantes nesta pesquisa,</p> |

| | | |
|--|---|--|
| | Fernandes (2014). | os participantes afirmaram que o grupo possibilita espaço para aprender a ouvir, proporciona crescimento e desenvolvimento dos participantes. As técnicas grupais de aprendizagem se constituem em um instrumento primordial e eficaz. |
| O grupo operativo como instrumento de aprendizagens do cuidado por mães de filhos com deficiência. | Deise Moura de Oliveira, Pamela Brustolini Oliveira Rena, Erica Toledo de Mendonça, Eveline Torres Pereira, Maria Cristina Pinto de Jesus, Miriam Aparecida Barbosa Merighi (2016). | O grupo operativo nesta pesquisa se mostrou um instrumento que proporciona aprendizagem do cuidado com relação aos filhos. O grupo proporcionou às mães o partilhamento das dificuldades enfrentadas, possibilitou compreender, refletir suas vivências. |

Fonte: Elaborado pela autora

Na tabela acima foram descritos alguns trabalhos que em sua metodologia usaram as técnicas do grupo operativo. Em todos os artigos citados, os resultados obtidos ao longo do desenrolar das pesquisas se mostraram como uma possibilidade válida de intervenção, que por meio do grupo, esses indivíduos experimentam aprendizagens, cooperação e senso de pertencimento.

Percebe-se na técnica com grupos operativos uma possibilidade do indivíduo explorar suas fantasias básicas, para assim ter meios e condições para romper com estruturas antes estereotipadas e rígidas (FISCMANN, 1997). Entende-se dessa forma, que esse lugar/espaço no grupo operativo tem possibilidades e potencialidades em trabalhar demandas que são individuais, mas que no coletivo surgem modos de agir, pensar que proporcionam ensinar uns aos outros.

Para Prati, Haack e Cielo (2014), as intervenções psicossociais com os adolescentes se fazem importante por abrir espaço com foco na prevenção de saúde. O grupo operativo com os adolescentes no contexto escolar tem grande importância para a vivência desses indivíduos, pois abre espaço para problematizações, aprendizagens e contribui para a construção de sua autonomia.

Portanto, os grupos operativos têm se mostrado como uma ferramenta útil em várias áreas do conhecimento, os profissionais têm ampla possibilidade de trabalhar questões no âmbito coletivo, promovendo espaços para que cada indivíduo inserido numa coletividade encontre suas potencialidades para desenvolver aprendizagens e bons relacionamentos interpessoais.

3. METODOLOGIA

3.1 DESENHO DO ESTUDO

Tratou-se de uma pesquisa aplicada em campo, com abordagem qualitativa, de caráter exploratória e descritiva, usando como instrumento de coleta de dados o grupo focal. Para Fonseca (2002) a pesquisa de campo tem como característica uma investigação que vai muito além de aspectos que se encontram em uma bibliografia ou em documentos, essa pesquisa desenvolve na coleta de informações que ocorrem junto às pessoas que são alvos da pesquisa.

Segundo Gil (1995) o objetivo da pesquisa exploratória é de proporcionar uma visão geral sobre determinado assunto, geralmente ocorre quando o tema a ser abordado é pouco conhecido. Dessa forma sendo exploratória no que diz respeito sobre o conceito da adolescência e como ela foi entendida e construída ao longo dos anos. Já as pesquisas descritivas têm como foco a descrição das características de uma determinada população ou fenômeno (GIL, 2002). É descritiva acerca dos fenômenos vivenciados pelos adolescentes no grupo operativo, na qual cada aspecto colhido durante o grupo focal será descrito.

Silveira e Córdova (2009) abordam que na pesquisa qualitativa o pesquisador busca compreender e explicar a dinâmica das relações sociais, por meio da objetivação do fenômeno, descrevendo, compreendendo e explicando os fenômenos.

A coleta de dados ocorreu por meio do grupo focal. Morgan (1997) define grupos focais como uma técnica da pesquisa qualitativa que por meio das interações entre seus participantes se discute um tema sugerido pelo pesquisador, é uma técnica que ocupa uma posição intermediária entre a entrevista e observação do grupo.

O grupo focal tem como objetivo conhecer como foi a experiência de participação em um grupo operativo na escola e identificar como intervenções de grupos operativos no contexto escolar, promove um possível aprimoramento nos relacionamentos interpessoais na adolescência.

A análise dos dados coletados nesta pesquisa foi feita por meio da análise de conteúdo; segundo Bardin (2016) a análise de conteúdo se constitui como um conjunto de técnicas tendo como objetivo analisar a comunicação dos indivíduos. Desse modo as análises foram feitas usando os discursos dos participantes, sendo classificados em categorias para posteriormente serem discutidas com o aporte teórico.

Algumas etapas precisam ser seguidas na análise de conteúdo. A primeira etapa consiste na organização da análise, na qual os elementos são classificando em categorias para

serem analisados ao final; a segunda etapa é a codificação dos resultados consiste na classificação dos dados em temas, assuntos para serem transformados em categorias, sendo esta a terceira etapa (BARDIN, 2016).

A quarta etapa denominada inferência, trabalha os processos de comunicação entendendo que esta perpassa por um emissor, receptor, mensagem e um canal. Por último a informatização da análise, ou seja, nessa etapa ocorre a interpretação dos dados obtidos por meio da coleta de dados, utilizando-se do referencial teórico para embasar as interpretações feitas do material (BARDIN, 2016).

3.2 LOCAL E PERÍODO DE REALIZAÇÃO DA PESQUISA

A coleta de dados foi realizada no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia (IFTO) campus Palmas localizado na Quadra 310 Sul, Av Lo 05, S/N Plano Diretor Sul. Foram previstos quatro encontros até a finalização da pesquisa. Tais encontros ocorreram após a aprovação da presente pesquisa no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) protocolo número 3.814.195. Foram necessários quatro encontros antes do início do grupo focal que ocorreram nos dias 14, 21 e 27 do mês de fevereiro e dia 03 de março de 2020, para organização da logística de funcionamento.

E o quinto encontro ocorreu dia 4 de março, para colher os dados da pesquisa. Foi destinado um encontro extra, ocorrido no dia 11 de março, em caso de alguma intercorrência que viesse impedir a realização do grupo no dia e horário marcado, seja por algum evento na escola ou outro impedimento. Percebeu-se a necessidade de colher os dados em apenas um único dia, visando diminuir as chances de surgir vieses que poderiam contaminar os dados da pesquisa pelos próprios participantes. Evitando dessa forma que os participantes influenciem uns aos outros antes ou durante o grupo focal.

Inicialmente ocorreu o comparecimento à escola para apresentação da proposta de pesquisa, definir local e horário que ocorrerá o grupo. No terceiro encontro à escola, foi realizada a apresentação da proposta de pesquisa aos estudantes, foi feito o convite aos adolescentes que participaram do grupo operativo na escola, sendo disponibilizadas 12 vagas. Caso a quantidade de participantes fosse maior que o número de vagas, esses adolescentes passariam por um sorteio. Decidindo participarem seria entregue os Termos de Assentimento Livre Esclarecido (apêndice B) para os adolescentes menores de idade e Termo de Consentimento Livre Esclarecido (apêndice A) para entregar aos pais ou responsáveis autorizando a participação na pesquisa.

No quarto encontro na escola foram recolhidos todos os termos devidamente assinados tanto pelo adolescente quanto pelo seu responsável. Nesse momento foi informado aos participantes da pesquisa a data, horário e sala onde aconteceria o encontro grupal. No quarto encontro foi dado início ao grupo focal, com duração de 2 horas.

3.3 OBJETO DE ESTUDO OU POPULAÇÃO E AMOSTRA

A população desta pesquisa foi composta por sete adolescentes com idades entre 16 e 17 anos do IFTO campus Palmas, que haviam participado do grupo operativo na escola, conduzido pelos estudantes de Psicologia do Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP) na disciplina Intervenção em Grupos. A disciplina Intervenção em Grupos tem por objetivo proporcionar aos acadêmicos de Psicologia a experiência na condução em grupos operativos no contexto escolar, sendo previsto no mínimo oito encontros para as intervenções ao longo do semestre.

O grupo operativo nesta disciplina tem por finalidade promover um espaço colaborativo para que os integrantes do grupo possam experimentar novos relacionamentos interpessoais, fortalecendo a rede de relacionamentos desses indivíduos levando o grupo a uma aprendizagem sobre eles mesmos.

Nesta pesquisa, pretendeu-se promover encontros através da metodologia do grupo focal, que consiste em um grupo de discussão informal, possui um tamanho reduzido de integrantes podendo variar de 6 a 12 pessoas chamada amostra por conveniência, os participantes são convidados a discutirem sobre suas percepções, sentimentos, sobre um tema proposto pelo pesquisador. A coleta de dados no grupo focal ocorre por meio da interação entre os participantes, sendo esta modalidade diferente de uma entrevista grupal, pois o entrevistador grupal exerce uma posição diretiva, já o moderador dentro do grupo focal tem sua ação pautada em facilitar o processo de discussão (GONDIM, 2003).

O grupo focal desta pesquisa foi homogêneo quanto à experiência de participação no grupo operativo, ou seja, todos os integrantes do grupo focal devem ter participado do grupo operativo na escola. E heterogêneo quanto ao sexo e idade dos participantes.

3.4 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

3.4.1 Critérios de Inclusão

- a) Ser matriculado e frequentar o Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Tocantins (IFTO);
- b) Ter participado do grupo operativo na escola;
- c) Apresentar Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Apêndice A) e Temos de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE (Apêndice B), devidamente assinados.

3.4.2 Critérios de Exclusão

- a) Optar por não participar da pesquisa, ainda que o pai ou responsável tenha assinado aos termos;
- b) Desistir de prosseguir como participante no decorrer da pesquisa.

3.5 VARIÁVEIS

3.5.1 Variável Dependente

As variáveis que podem influenciar diretamente no resultado desta pesquisa estão relacionadas à experiência anterior desses participantes em um grupo operativo se foi interpretada como sendo positiva ou negativa. O nível de interesse e comprometimento dos adolescentes frente às questões apresentadas pelo grupo, se esse adolescente tiver interpretado o grupo como um lugar onde se sente ouvido e acolhido, assim é estimulado expor suas ideias e opiniões, caso contrário pode limitar sua participação. E características da personalidade de cada adolescente, se forem introvertidos tendem a se expor menos. Por outro lado, se o adolescente for extrovertido será capaz de falar abertamente sobre os temas apresentados.

3.5.2 Variável Independente

As variáveis independentes podem ser classificadas como a adolescência e a experiência de participação dentro do grupo operativo.

3.6 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS ESTRATÉGIAS DE APLICAÇÃO, REGISTRO, ANÁLISE E APRESENTAÇÃO DOS DADOS.

O instrumento utilizado na presente pesquisa foi metodologia do grupo focal. No encontro da coleta de dados foram discutidos temas específicos, pertinente aos temas abordados nesta pesquisa. O grupo focal possibilita aos participantes a possibilidade de discutir sobre um tema específico com total liberdade sem roteiro prévio.

Morgan (1997) definiu em seus estudos três tipos de grupos focais: grupos focais autorreferentes, grupo focal como uma técnica suplementar e por último grupo focal como proposta atrelada a multi métodos dentro da pesquisa. O que foi utilizado na presente pesquisa se chama grupo autorreferente, esse tipo de grupo se torna a única fonte utilizada para colher dados na pesquisa, leva em consideração a capacidade de explorar os conteúdos dos participantes, as opiniões, atitudes e experiências dos participantes.

No encontro de coleta de dados foi proposto os seguintes temas “Como é conviver em grupo”, “Como é viver a adolescência levando em consideração os diversos contextos nos quais estão inseridos como, por exemplo, a família e a escola”, “Como o grupo operativo na escola é percebido por vocês” e por último “Quais contribuições essa modalidade de intervenção grupal proporciona/proporcionou”.

Todo o encontro do grupo focal com os adolescentes foi gravado em áudio com a permissão prévia dos participantes, dessa forma, foi necessária a participação de um colaborador coparticipante na pesquisa, não fez parte como um integrante do grupo, somente auxiliou no manuseio do equipamento de gravação para coleta dos dados, tal participação passou pelo cadastro e aprovação no comitê de ética. Após a finalização do grupo, os dados obtidos foram transcritos na íntegra pela própria pesquisadora, assim posteriormente foram analisados.

Quanto ao uso de áudio dos participantes para análise de dados ou divulgação de resultados, este somente ocorreu mediante a autorização expressa do participante através dos termos TCLE e TALE, da qual constavam as formas de sua utilização e divulgação. Dessa forma a pesquisadora se comprometeu guardar por cinco anos as gravações.

A análise dos dados ocorreu por meio do método de Análise de Conteúdo, citada por Bardin (2016) obedecendo aos seguintes passos: primeira etapa é a organização da análise que consiste em organizar o material para a interpretação final classificando os elementos em categorias; segunda etapa é a codificação dos resultados consiste na classificação dos dados em temas, assuntos para serem transformados em categorias, sendo esta a terceira etapa;

A quarta etapa denominada inferência, trabalha os processos de comunicação entendendo que esta perpassa por um emissor, receptor, mensagem e um canal. Por último a informatização da análise, ou seja, nessa etapa ocorre a interpretação dos dados obtidos por meio da coleta de dados, utilizando-se do referencial teórico para embasar as interpretações feitas do material (BARDIN, 2016).

3.7 ASPECTOS ÉTICOS

Por se tratar de uma pesquisa que envolve seres humanos, o projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA). Os participantes só participaram da pesquisa após assinarem o Termo Assentimento Livre Esclarecido (TALE) e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para pais ou responsáveis. Tais documentos são respaldados pela resolução 196/96, na qual assegura o esclarecimento de todos os passos da pesquisa para com o participante (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 1996). Durante toda a pesquisa a pesquisadora esteve atenta para que fossem respeitados aspectos éticos, preservando o anonimato e confidencialidade dos dados obtidos sem expor os participantes.

3.7.1 Riscos

Como em toda pesquisa envolvendo a participação de seres humanos entende-se que podem ocorrer riscos. Se tratando desta pesquisa os possíveis riscos podem ser de origem psíquica, intelectual e social, alguns podendo ser minimizados. Os participantes poderão durante a pesquisa sentir medo, desconforto, nervosismo, ansiedade, vergonha em expor suas opiniões, sentimentos e pensamentos. Na dimensão intelectual poderão sentir-se inferiores ou superiores em termos de conhecimento ao se compararem com os integrantes do grupo. E na dimensão social poderão ser afetados positivamente e negativamente pelo grupo. Os participantes da pesquisa serão assistidos, em virtude de possíveis danos decorrentes da pesquisa. Resolução CNS Nº 466/12 (II. 3.1, II. 3.2, III. 2o e IV. 3.c). Dessa forma a pesquisadora e a professora responsável se prontificarão em arcar com os custos necessários no cuidado e reparo do bem-estar do participante, tendo ele direito de desistir a qualquer da pesquisa.

3.7.2 Benefícios

Os benefícios que serão obtidos através desta pesquisa se dão em três momentos: benefício acadêmico, profissional e benefício ao participante da pesquisa. Primeiramente se torna importante para os futuros acadêmicos de psicologia que pesquisas como estas se desenvolvam, dessa forma se torna evidente os diversos e possíveis campos de atuação com grupos e os resultados que essas intervenções podem produzir na vida dos indivíduos, assim torna-se necessário uma reflexão crítica do nosso papel enquanto estudante e futuro profissional de psicologia. No âmbito profissional demonstra o comprometimento da psicologia ao intervir com esses indivíduos, demonstrando o compromisso ético, abrindo espaço para mostrar os vários e possíveis campos de atuação do profissional psicólogo. E por

fim, os benefícios para o próprio participante da pesquisa se dá na medida em que esse adolescente tem um espaço grupal onde proporcionam momentos de reflexão, partilham de suas experiências, medos e aprendizagens. O adolescente experimenta vivenciar um espaço onde é compreendido em sua totalidade, transformando suas experiências e aprendizagens de quantidade para qualidade.

3.7.3 Desfechos

3.7.3.1 Primário

Ao final desta pesquisa pretende-se descobrir se a metodologia de grupos operativos no contexto escolar fornece às participantes condições de aprimoramento em seus relacionamentos interpessoais.

3.7.3.2 Secundário

Como um possível desfecho secundário decorrente desta pesquisa, podem ao final provocar novas pesquisas sobre o fenômeno adolescência e grupo operativo e também ocorrendo um fechamento terapêutico do grupo operativo que esses adolescentes participaram.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Antes do início da coleta de dados no IFTO campus Palmas, foi realizado uma reunião com uma das psicólogas que trabalham na escola para definir como seria feito o convite aos alunos para participarem da pesquisa. Nessa reunião foi feito o levantamento de quais turmas haviam participado das intervenções com o grupo focal no semestre de 2019/2, sendo identificadas as seguintes turmas: 2º ano de Eventos, 3º ano de Administração, Eletrotécnica e Mecatrônica.

Os dias 21 e 27 de fevereiro e no dia 02 de março foram destinados para convidar os adolescentes para participarem da pesquisa. Pela quantidade de vagas disponíveis sendo no máximo 12 adolescentes no grupo focal, dividiu-se essa quantidade entre as quatro turmas. O intuito era que pudesse se formar um grupo com alunos de diversos cursos, com contribuições diferentes sobre a vivência grupal. Porém as turmas que participaram de fato da coleta de dados foram Eventos e Administração. Na turma de eletrotécnica, quatro alunos demonstraram interesse, mas não compareceram à coleta de dados no dia marcado. A turma de mecatrônica não chegou a ser convidada, não foi encontrada no período das visitas ao IFTO.

Logo, a coleta de dados ocorreu nos dias 4 e 11 de março de 2020, a princípio o grupo focal ocorreria apenas no dia 04 de março com as turmas de administração e eletrotécnica, mas pela quantidade de alunos presentes no dia marcado e pela falta de assinatura dos termos de consentimento ambos responsáveis e o adolescente, foi decidido realizar um segundo encontro com outros alunos que estariam disponíveis e dispostos a participar, neste caso a turma de eventos. Esta turma não pôde participar da coleta no dia 4, estavam realizando prova bimestral.

Dessa forma, foram realizados dois grupos focais com turmas diferentes, no dia 4 de março participaram quatro alunos do 3º ano do curso de administração. No segundo dia de coleta, 11 de março, participaram três alunos do 2º ano do curso de eventos, totalizando uma amostra por conveniência de sete adolescentes. Foi percebida uma dificuldade no engajamento dos adolescentes para participar da pesquisa, alguns até comentaram que não queriam participar, porém não abordaram o motivo. Durante a coleta de dados nenhum critério de exclusão da pesquisa precisou ser aplicado.

Levantando como possíveis hipóteses não querer se expor ou não estar a fim de participar do grupo, o grupo anterior no qual participaram não ter sido uma experiência agradável, não querer perder conteúdo da aula, visto que a coleta de dados ocorreu em horário

de aula, entre outras hipóteses. Durante a coleta de dados alguns participantes expuseram sobre o desconforto que sentem ao participarem de grupos, mas logo perceberam a importância da participação efetiva no grupo operativo.

O fato de poucos adolescentes terem se disponibilizado para participarem da pesquisa traz outros questionamentos. Esses dados proporcionam discutir sobre a implicação da teoria do vínculo no desenrolar do grupo operativo, a experiência dentro desse grupo é um fator importante. A teoria do vínculo foi descrita por Pichón-Rivière (2000) como o modo particular que cada indivíduo se relaciona com seu meio, sendo construído conjuntamente pelas vivências partilhadas no grupo.

Cabe citar outro aspecto importante nesse processo da experiência grupal, que é sobre os vetores implicados no desempenho da tarefa no grupo focal. O primeiro vetor desse processo se chama afiliação, ocorre justamente no início do grupo, por se tratar do primeiro vetor é o momento em que os integrantes não se sentem parte pertencente desse processo mantendo assim certo distanciamento entre os indivíduos (PICHÓN-RIVIÈRE, 2000).

Desse modo percebe-se que o vínculo e os vetores decorrentes do processo grupal influenciam na qualidade, no envolvimento e desempenho desses indivíduos no grupo. Podendo apontar essa dificuldade de engajamento dos adolescentes na pesquisa como decorrente da qualidade de vínculo formado durante o grupo focal na escola, a experiência passada sendo replicada para os demais grupos.

Portanto, os resultados obtidos por meio desta pesquisa foram transcritos, analisados e discutidos a partir da metodologia da Análise de Conteúdo sobre os grupos operativos no contexto escolar e as possíveis contribuições desta modalidade de intervenção nos relacionamentos interpessoais dos adolescentes.

De forma a melhor organizar a apresentação dos resultados e as análises, estes foram dispostos núcleos temáticos sobre os temas abordados no grupo focal. Os temas abordados na coleta de dados foram construídos baseados na construção teórica desta pesquisa e com base nos estudos sobre a condução de grupo focal.

A partir das discussões promovidas por meio do grupo focal foram usadas como ideias norteadoras as seguintes frases, “Como é conviver em grupos”; “Como é ser adolescente e viver a adolescência levando em consideração os diversos contextos nos quais estão inseridos”; “Como o grupo operativo na escola é percebido por vocês” e por último “Quais contribuições essa modalidade de intervenção grupal proporciona/proporcionou”. Foram utilizados trechos das falas dos adolescentes que tiveram relação com as temáticas apresentadas acima.

Como já exposto anteriormente esta pesquisa teve como objetivo identificar como a metodologia dos grupos operativos promove aprendizagens que contribuam com o desenvolvimento interpessoal entre adolescentes no contexto escolar do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia campus Palmas.

Tabela 2. Identificação os participantes do grupo focal.

| Identificação do participante | Idade | Curso Técnico |
|-------------------------------|---------|---------------|
| A1 | 17 anos | Administração |
| A2 | 17 anos | Administração |
| A3 | 16 anos | Administração |
| A4 | 17 anos | Administração |
| A5 | 16 anos | Eventos |
| A6 | 16 anos | Eventos |
| A7 | 16 anos | Eventos |

Fonte: Elaborado pela autora

Diante das informações apresentadas na tabela acima, conclui-se que houve a participação de sete adolescentes com idade entre 16 e 17 anos, do segundo e terceiro ano do ensino técnico integrado ao médio do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Palmas, Tocantins.

4.1 CONVIVER EM GRUPO

Nesta categoria apresentam-se as relações observadas a respeito da temática abordada com os participantes do grupo focal sobre a experiência de como é conviver em grupo. Sob o método de análise do conteúdo, foi possível refletir sobre as concepções apontadas pelo grupo de adolescente participante da pesquisa se apresentando no coletivo. Percebeu-se que a temática abordada foi discutida com bastante apropriação pelos adolescentes.

Partindo de uma leitura não verbal identificou-se que os adolescentes estavam inquietos, tinham a necessidade de exporem suas opiniões, queriam falar como é para eles essa convivência em grupo nos diversos cenários em que eles estão inseridos.

Nos aspecto coletivo percebeu-se que as questões ligadas à condição de vivência grupal foram evidenciadas, avaliaram essa experiência como muito importante nessa fase na qual estão vivendo. A participação em grupos segundo Silva, Viana e Carneiro (2011) é uma

condição normal nessa fase de desenvolvimento, onde esses adolescentes passam a maior parte do tempo grupo de amigos. Essa convivência em grupo é entendida como algo saudável, no qual percebem a importância que o grupo tem para os indivíduos.

Por meio do grupo, através de estudos desenvolvidos sobre grupo e adolescência percebe-se na prática que da infância para a adolescência as relações interpessoais e de amizades sofrem modificações, na infância os amigos servem para participar das brincadeiras, já na adolescência o grupo de amigos ajusta-se como um suporte das angústias, na qual, compartilham seus anseios, medos e experiência (DESOUZA; RODRÍGUEZ; ANTONINE, 2014). Nota-se que as transformações durante a adolescência são inúmeras, nesse período os indivíduos passam a experimentar essas modificações em grupo, percebe-se que grupo oferece contribuições para o desenvolvimento interpessoal desses indivíduos.

4.2 SER ADOLESCENTE NOS GRUPOS EM QUE ESTÃO INSERIDOS

Nesta categoria foi apresentado e discutido sobre como é ser adolescente, como é viver essa fase nos diversos grupos/contextos aos quais eles pertencem e quais os anseios vivenciados por eles nessa fase. Essa temática foi discutida por muito tempo, demonstrando o engajamento desses adolescentes sobre o assunto. Muitos participantes ao iniciarem seus discursos apresentaram expressão facial de tristeza, expressaram o quanto é difícil à cobrança feita pela família com relação aos estudos/futuro, um desabafo coletivo tomou conta do grupo, citam que esse período é complicado e sentem-se perdidos.

A partir de uma síntese grupal, percebe-se que as transformações vividas por esses indivíduos passam a ter um peso decisivo na vida desses adolescentes, a família passa a exigir e cobrar certos comportamentos condizentes com a nova realidade desse indivíduo. Aberastury e Knobel (1981) abordam que quando os adolescentes entram no mundo adulto se veem cada vez mais distante do papel de criança sendo esse um marco importante na vida desses sujeitos. Durante a adolescência os indivíduos passam por um processo chamado de interiorização, geralmente costumam se afastar da família e se voltam para os grupos nos quais se assemelham (SILVA; VIANA; CARNEIRO, 2011).

Notou-se também esse movimento de afastamento do núcleo familiar, no qual esses adolescentes dão um maior espaço ao grupo de amigos. É justamente nesse momento que as amizades tomam grandes proporções e centralidade da vida dos sujeitos. O grupo demonstrou sobre a dificuldade de exporem suas opiniões em casa e sobre não aceitarem a imposição da família sem um questionamento prévio. Em síntese, notou-se a importância e a necessidade

que alguns têm em conviver em grupos de amigos e afirmam encontrar suporte que não possuem em casa. Nesse período complexo da adolescência afastar-se da família é ir em busca de conhecer-se a si mesmo.

Outro aspecto importante demonstrado pelo grupo é sobre a instabilidade de papéis e construção da própria identidade. Erik Erikson (1976) aborda sobre a teoria do desenvolvimento psicossocial que ocorre durante a adolescência, retratou sobre uma instabilidade de papéis e crise de identidade vivida por esses indivíduos nesse período. O grupo demonstrou ser algo real essa instabilidade do que ser, do que fazer, causando grande angústia, pois na maioria das famílias esses adolescentes são cobrados sobre como devem se comportar o que devem fazer o que devem ser entre outros.

Assim, através dos apontamentos do grupo torna-se possível refletir que os adolescentes não se afastam da família somente por um capricho, à inserção em outros grupos além do grupo familiar tem a função de promover o desenvolvimento de si mesmo, experimentando novos papéis. A socialização entre esses adolescentes em seus grupos contribui para o processo de construção de si mesmo, da própria identidade.

Desousa, Rodríguez e Antonine (2014) partilham da visão de que na adolescência o grupo de amigos ajusta-se como um suporte das angústias, na qual, compartilham seus anseios, medos e experiência. Em seus grupos aprendem uns com os outros, sendo uma fase onde procuram firmar relações com outros adolescentes, estar em um grupo é uma forma de aprender sobre si mesmo e sobre o mundo, sendo um processo dinâmico (GODOI; FREITAS, 2008).

Além do suporte que esses adolescentes encontram em seus grupos de amigos, estar em grupo tem outros aspectos importantes ligados a essa fase que são a socialização, construção da própria identidade e novas formas de se relacionar com os outros (RODRÍGUEZ, DAMÁSIO, 2014). Fatos esses que possibilitam o pleno desenvolvimento desse adolescente com seu meio.

O grupo de fato, é uma característica marcante na adolescência, o senso de pertencimento promove uma aproximação nos indivíduos, permite criar laços e relações interpessoais significativas. O grupo cria uma identidade grupal que segundo Martín-Baró (1989) aborda ser uma característica marcante dos grupos, a identidade é um diferencial daquele grupo específico em relação aos demais. Esses adolescentes passam a conviver bastante tempo em seus grupos de amigos, ainda mais se tratando de uma escola em tempo integral na qual os participantes estudam.

Esses dados apontam para um aspecto importante sobre o papel que as habilidades sociais desempenham nesse período da adolescência. Caballo (2008) cita que um comportamento socialmente hábil implica em um conjunto de comportamentos apresentados pelo indivíduo na sua relação com o outro que permita a livre expressão de opiniões e sentimentos, procurando também respeitando a visão dos outros indivíduos.

Por meio da participação grupal o jovem experimenta o que Hartup (1996) citou como algo importante na vida do sujeito, pois é através da inserção do indivíduo nos diversos contextos que permite o desenvolvimento de habilidades cognitivas por meio das relações interpessoais. Portanto, a interação social unida de habilidades sociais bem consolidadas se torna muito importante durante a adolescência, pois proporciona aos sujeitos o seu pleno desenvolvimento.

Dessa forma, todos os discursos desses participantes proporcionam uma reflexão sobre como esses indivíduos se relacionam, sob que circunstâncias, permitindo assim, identificar possíveis dificuldades ligadas ao desempenho satisfatório das habilidades sociais ao se relacionarem com seus pares, gerando nesses indivíduos distanciamento social, visto que a condição grupal é marcante nesse período, porém muitos adolescentes vivem de forma posto ao que é retratado.

Outro aspecto percebido durante o grupo focal é que o fenômeno adolescência é vivenciado sobre diferentes perspectivas pelos adolescentes e que esses indivíduos encaram essas diferenças com bastante respeito.

Sobre essas variadas formas de viver e compreender essa fase, alguns autores como Papalia e Feldman (2013), Oliveira (2006) e Aberastury e Knobel (1981), abordam que na adolescência algumas características comuns estão presentes em todos os sujeitos. Porém, é no meio social que essas vivências ganham diversas formas e perspectivas de viver essa fase. De fato, essas características únicas de viver esse processo foram apontadas pelo grupo, cada participante expressou aquilo que aprendeu e foi construído nas relações com os demais adolescentes.

Percebe-se que o grupo tem uma concepção formada de como a adolescência é e como deve ser vivida. É visto como algo natural, sem grande ênfase, levam a sério e se permitem passar pela adolescência dando a importância que ela tem na vida desses sujeitos. Demonstrando dessa forma, que a construção da adolescência ocorre tanto por meio da história quanto pelo meio social sobre as várias formas de vivenciar esse período.

Algumas famílias compreendem a adolescência uma fase como outra qualquer e não aceitam que os adolescentes se comportem como de fato é esperado nesse momento. Muitos

pais de fato não sabem como se relacionar com o filho durante esse período. Entende-se desse modo que a família tem uma função de repassar ensinamento aos seus membros como costumes, normas, valores, uma vez que esses indivíduos precisam conviver em sociedade (DRUMMOND, DRUMMOND FILHO, 1998; TALLÓN *et al.*, 1999).

Assim, aponta outro ponto importante a ser discutido, principalmente porque interfere diretamente no modo como a adolescência vai ser vivida pelos indivíduos que é sobre as relações no seio familiar. Para os autores Oliveira e Marinho-Araújo (2010) a família é a primeira fonte de educação no qual o indivíduo aprende, sobretudo como se relacionar com o outro.

Dessa forma, através dos dados levantados pelos autores e por meio do grupo evidenciou-se que as características da adolescência serão vividas sob diferentes formas, de acordo com o que cada família, cultura e sociedade consideram como o esperado ou não para essa fase de desenvolvimento. Cada grupo contribuirá de forma significativa para a construção desse adolescente na sociedade. Porém, essas vivências com o decorrer do grupo focal percebeu-se que o grupo foi capaz de chegar a um consenso.

Ainda ligado aos aspectos familiares às cobranças feitas aos adolescentes foi outro ponto bastante discutido. Alguns autores como Wagner *et al.* (2002), explanam sobre a importância do diálogo intrafamiliar no desenvolvimento de relações saudáveis entre pais e filhos. Na visão destes autores a comunicação entre ambos deveria ser encarada como uma troca de experiência e não sobre a imposição de uma vontade, exigência, cobrança sobre a outra (WAGNER; CANEDO; MELO *et al.*, 2005). Entre os participantes da pesquisa observou-se que poucos que possuem essa liberdade de comunicação e expressão dentro de casa.

Sob a mesma visão Morais, Lima e Fernandes (2014), compreendem a família como uma conjuntura de que alguma forma afeta o desenvolvimento dos adolescentes. Desse modo, vê-se uma importância significativa sobre a forma como esses adolescentes estão se relacionamentos em seus grupos, visto que o contexto familiar detém grande influência na promoção de saúde mental, promovendo também desenvolvimento interpessoal saudável.

Desse modo, percebe-se que na adolescência o uso de técnicas grupais de intervenção torna-se um meio viável para trabalhar questões de aprendizagem, promoção de saúde e treino de novas habilidades entre outros, já que é nesse período que mais estão inseridos em grupos. De acordo com Prati, Haack e Cielo (2014), as intervenções psicossociais com os adolescentes se fazem importante por abrir espaço com foco na prevenção de saúde.

Dessa forma vê-se a importância de compreender como a experiência de participação em grupos operativos na escola ocorrem e como os adolescentes avaliam tal método de intervenção, a fim de discutir se essa metodologia de grupos promove realmente aprendizagens que contribuem para o desenvolvimento interpessoal desses jovens, tornando-se um meio viável para intervenções, além de promover a promoção de saúde e treino de novas habilidades.

Sendo assim, os dados obtidos sobre a vivência em grupos e como vivem a adolescência nos grupos possibilitou explorar diversos temas que foram apresentados no capítulo sobre desenvolvimento interpessoal na adolescência desta pesquisa. Os principais tópicos abordados pelos adolescentes referiram-se sobre a condição de grupo ser uma realidade vivida por eles e avaliam como de extrema importância. Sobre as relações familiares alguns abordam ser uma vivência um tanto difícil, a cobrança dos pais é uma realidade muito presente no relacionamento intrafamiliar, influenciando no modo como os adolescentes avaliam vivem esse período.

4.3 O GRUPO OPERATIVO NA ESCOLA

Nesta categoria apresentam-se as relações observadas a respeito da temática abordada sobre como os participantes desta pesquisa percebem as intervenções com grupos operativos no contexto escolar com estudantes de psicologia do CEULP/ULBRA.

Nota-se que dentre os pontos abordados o grupo operativo com estudantes de psicologia foi visto como algo benéfico e que deveria ter continuidade, pois acreditam que sempre há algo novo para aprender e experimentar. Outro aspecto importante a ser abordado é sobre a falta de conhecimento do próprio grupo sobre a real função dos estudantes naquele ambiente. Percebe-se que a visão que os adolescentes têm das intervenções é que deveria de assemelhar com o modelo de intervenção da psicologia clínica.

Assim, parte-se da hipótese que muitos desses adolescentes ao participarem do grupo operativo provavelmente desconheciam a finalidade desse grupo. Logo, é necessário que os estudantes de psicologia reflitam e discutam sobre qual é o seu papel nos lugares onde estão inseridos. Amaral, Luca, Rodrigues *et al.* (2012) abordam sobre a atuação do estudante de psicologia ressaltando sobre a importância de uma prática articulada a currículo que regule a atividade, pautada no compromisso social, proporcionando o desenvolvimento de competências esperada para o desempenho eficiente da profissão. Dessa forma, se torna extremamente importante que estudantes de psicologia enquanto futuros profissionais

inseridos em seus campos de estágio possam orientar sobre qual o seu papel naquele determinado espaço.

O desconhecimento acerca da finalidade do grupo operativo na escola foi uma dificuldade apontada pelo grupo. Percebeu-se que o grupo esperava ter participado de uma sessão de psicoterapia com os acadêmicos de psicologia. Esses discursos permitem a reflexão de que ainda existe um desconhecimento sobre o papel que esse profissional de psicologia desempenha nos locais no qual ele está inserido. Tem-se uma visão limitada da psicologia, como sendo unicamente restrita ao modelo tradicional de atuação clínica.

Outro aspecto percebido apontado pelo grupo é que existe uma resistência em dialogar no contexto grupal as questões mais profundas das experiências pessoais deles, observa-se que esse comportamento dificulta o processo de mudança dos participantes. Mesmo esses adolescentes afirmando ser muito bom estar em grupo e terem avaliado como algo positivo a participação, ainda percebe-se uma dificuldade de entregar-se a experiência completa de aprendizagem dentro do grupo.

Assim, quando o grupo expõe que possuem dificuldade de se exporem e receio, parte-se da hipótese de que muitos não se entregaram de fato a experiência dentro do grupo, a transformação ocorre quando as estereotípias são quebradas, levando os indivíduos a assumirem papéis mais flexíveis em suas vivências, sendo este um processo de depende do próprio grupo.

Percebe-se que todo processo de mudança envolve o surgimento de medos básicos de perda e ataque, sendo esta uma forma de defesa dos indivíduos. Assim, dentro do grupo operativo passa a ser fundamental que os integrantes aprendam a pensar a partir do próprio grupo, por meio das experiências compartilhadas, proporcionando o desenvolvimento de novas habilidades levando o grupo a resolução da tarefa (OSÓRIO, 1997).

Outro ponto discutido foi sobre a visão grupal sobre a atuação dos acadêmicos de psicologia frente aos grupos. Os participantes avaliaram como fundamental a inserção de estudantes nas escolas, visto que as discussões, as dinâmicas de grupo e atividades em grupo proporcionam momento de aprendizagem e descontração, ainda mais sendo uma escola de tempo integral como no IFTO, assim expuseram os participantes.

O grupo apontou sobre a importância de intervenções como a que eles participaram, avaliaram essas intervenções como algo benéfico e que acrescentou novas aprendizagens na vida de cada um. Entende-se que o fato deles estarem abertos e dispostos a participar dessas intervenções é um fator importante. Assim, nota-se que os benefícios ocorrem nas duas partes

envolvidas, tanto os participantes do grupo quanto os estudantes de psicologia, que por meio desse campo de atuação podem observar na prática aspectos estudados na graduação.

Zimerman (2004) aponta para a importância da compreensão dos aspectos psicanalíticos ao lidar com os indivíduos, as dinâmicas de grupo em contextos escolares proporcionam aos participantes a integração e interação, enfatizando a natureza das relações, assim, através desses espaços pode-se criar um ambiente acolhedor, no qual problemáticas podem ser levantadas e discutidas por todos.

Dessa forma, cabe abordar sobre o papel que a psicologia tem nesses ambientes educacionais. De acordo com Antunes (2008), a psicologia escolar se refere a um campo de atuação tendo como objeto na atuação processos envolvendo a escolarização, as relações decorrentes da vivência nesse ambiente entre outros aspectos. Entende-se que a psicologia tem muito a contribuir no ambiente escolar, visto este, como terreno fértil para trabalhar uma infinidade de demandas. Além, do aspecto educacional que tem essa experiência para os estudantes dentro da graduação de psicologia, proporcionando rodas de conversas, dinâmicas grupais, criando ambiente para reflexão.

Para Checchia e Souza (2003), a atuação da psicologia no contexto escolar envolve o compromisso em pautar sua luta por uma escola que seja um ambiente democrático, que garanta o direito das crianças, adolescentes e profissionais da educação, que permita o pleno desenvolvimento da aprendizagem e superação das dificuldades. Assim, todos esses dados citados são importantes para o pleno desenvolvimento individual, social, cognitivo dos indivíduos, vê-se a psicologia implicada nesse movimento de mudança criando um ambiente próprio para o desenvolvimento.

4.4 POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DECORRENTES DA INTERVENÇÃO GRUPAL

Nesta última categoria apresentam-se os dados do grupo sobre quais as possíveis contribuições decorrentes desse tipo de intervenção grupal. Esse tema foi bastante discutido pelos participantes, onde todos conseguiram expressar suas opiniões, sentimentos e relembrou momentos vivenciados entre eles, os quais julgaram ter sido importante.

O grupo apontou como resultado situações de mudança envolvendo a comunicação, abordaram como mudou para melhor o convívio entre os adolescentes não somente dentro da sala de aula, mas também com a família. O grupo operativo foi vivenciado por eles como um grande facilitador desse processo envolvendo a mudança na forma de comunicação destes participantes.

O grupo operativo com os adolescentes no contexto escolar tem grande importância para a vivência desses indivíduos, pois abre espaço para problematizações, aprendizagens e contribui para a construção de sua autonomia. Os processos grupais de aprendizagens decorrem de experiências que se configuram em um processo de mudança, os indivíduos se veem num movimento de estruturação, desestruturação e reestruturação (PEREIRA, 2013).

Esses dados proporcionam uma reflexão sobre a importância de grupos operativos em contextos escolares. Zimmerman (2004) cita que o grupo operativo em contexto escolar propicia aos participantes a possibilidade de aprenderem uns com os outros através da troca de experiências, proporciona o desenvolvimento da comunicação entre os participantes e principalmente aprender a aprender. De fato, o grupo percebeu esse processo de mudança no modo de se comunicarem uns com os outros, passando por uma transformação qualitativa no modo de comunicação.

Cabe citar o que Pichon-Rivière (2005) definiu como dialética, sendo que por esta que ocorre o processo de mudança na comunicação entre os integrantes de um grupo, esse processo surge à medida que o grupo se implica e se entrega ao processo de diálogo e reflexão. No grupo operativo na escola por meio de problemáticas cotidianas a serem debatidas os participantes experimentaram compreender as visões de mundo que cada um respeitando o posicionamento crítico.

Além disso, os integrantes no grupo experimentam ensaios que mais tarde serão usados em experiências reais em suas relações. Rogers (1994) aborda que as aprendizagens decorrentes da experiência em grupo tendem a transpassar temporariamente ou até mesmo de forma duradoura para outras relações. É no contexto grupal que aparecem as condições ligadas a mudança.

O trabalho com grupo operativo tem por objetivo promover espaço que leve os indivíduos a processos de aprendizagem, o aprender para o grupo significa assumir uma postura reflexiva, investigadora da sua realidade (BASTOS, 2010). Dessa forma entende-se que só unir pessoas em um determinado lugar não é sinônimo de mudança. A transformação pode vir a acontecer por meio de um terreno fértil para os debates, sendo extremamente importante o papel do coordenador grupal, que ele compreenda os processos explícitos e implícitos na condução desses indivíduos para o desenvolvimento da tarefa.

Sob a mesma visão Portarrieu e Tubert-Oakland (1989) abordam que o processo grupal deve ser dinâmico, proporcionando a livre interação e a liberdade na comunicação, pois somente assim podem dar espaço ao pensamento e criatividade dos integrantes de um

grupo. Os adolescentes perceberam através das reflexões durante as dinâmicas de grupo, que poderiam se abrir para o grupo.

A realização de encontros grupais na escola se constitui como um lugar que proporciona a expressão e dos significados construídos pelos alunos sobre o seu papel nesse ambiente assim como expor as dificuldades enfrentadas durante todo o processo educacional (CHECCHIA; SOUZA, 2003). Vê-se assim, que a formação desses grupos nas escolas possui grandes potencialidades permitindo aos indivíduos a livre expressão de seus argumentos, opiniões, ideias.

O grupo operativo implica que os indivíduos se unam em torno da resolução de um problema em comum, sendo esta a tarefa dentro do grupo (PICHÓN-RIVIÈRE, 2000). Embora já discutido anteriormente sobre como o grupo avaliou o grupo focal, cabe abordar outro aspecto ligado à participação eficaz nessa intervenção, entende-se que os indivíduos dentro do grupo são livres, tendo a liberdade de escolher participar ou não, cabendo a todos respeitarem a escolha de cada um.

A escola é um espaço que em todas as suas atribuições visa promover aprendizagens, é o local onde esses adolescentes passam a maior parte do tempo por ser um ensino em tempo integral. Compreende-se que esse ambiente escolar pode vir a se tornar um grande aliado na prevenção de comportamentos de risco nessa fase (NIQUICE, 2014). Assim o trabalho com adolescentes através de grupos, proporciona aos integrantes um viver em coletividade, no qual cada um aprende com o outro de forma saudável.

Diante de todas as informações apontadas nesta pesquisa, de fato, o grupo operativo no ambiente escolar se apresenta como um meio eficaz de intervenção com adolescentes, a maior parte dos participantes pontuou mudanças significativas na qualidade de comunicação entre os colegas e seu meio familiar. Além dos aspectos educacionais e de aprendizagens ligados ao grupo, também cabe citar que este tem um aspecto que contribui para a promoção de saúde desses indivíduos.

Portanto, esta pesquisa se fez importante por abrir espaço para discussão sobre como as relações são estabelecidas na adolescência, e quais impactos estão ligados a bons relacionamentos interpessoais, proporcionado aos adolescentes à vivência em espaço de discussão, onde esses indivíduos possam trocar experiências, desenvolver habilidades sociais. Além de refletir sobre a inserção de futuros profissionais de psicologia na escola, sendo este ambiente propício para as trocas e aprendizagens significativas para ambos, futuro profissional e participante do grupo operativo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho foram abordados temas relacionados à fase compreendida como adolescência e os marcos ligados ao seu desenvolvimento, percebendo de que maneira esses indivíduos se relacionam dentro dos grupos aos quais estão inseridos, buscando identificar quais as contribuições decorrentes da experiência de participação em intervenção grupal realizada por estudantes de psicologia do CEULP-ULBRA em Palmas-TO com alunos do IFTO campus Palmas.

Para tanto, no decorrer do trabalho foi abordado sobre como a adolescência é compreendida por alguns autores sendo fruto de uma construção social, construída e desconstruída ao longo dos tempos, percebendo a influência da sociedade na concepção do papel ser adolescente na atualidade. Foi apontado sobre a teoria e metodologia de Pichón-Rivière com grupos operativos e sua utilização em diversos campos de atuação e por vários profissionais.

Por meio do grupo focal foi possível conhecer como se deu a experiência dentro do grupo operativo e identificar a partir das experiências pessoais de cada adolescente sobre como avaliam a intervenção grupal na qual participaram, visto que, nessa fase muitos estão inseridos em grupos, sendo este, um lugar propício para propostas de intervenções, além de perceber de que maneira a psicologia pode intervir nesses ambientes educacionais utilizando-se de metodologia grupais.

Dentro do grupo focal foi percebido que alguns tópicos como a condição de vivência grupal e relacionamento familiar ganharam grandes debates pelos participantes. Nos discursos nota-se que as relações familiares da maior parte desses participantes são marcadas por cobranças dos pais, o que se configura em outro aspecto já abordado neste trabalho na qual os adolescentes se afastam da família aderindo ainda mais a condição grupal. Dessa forma, percebeu-se que os grupos atuam como suporte de angústias.

Através das falas dos adolescentes foi possível perceber que muitos não possuem o hábito de dialogar com seus familiares, afirmam ter receio sobre como a família reagiria sobre alguns assuntos. Esses dados permitem refletir sobre como as relações interpessoais são estabelecidas nesse ambiente familiar, além de proporcionar discussões sobre os altos índices de adoecimento psíquico em adolescentes, na maioria das vezes a família se quer percebe os sinais. Pichón-Rivière entende o adoecimento psíquico nos indivíduos como decorrente da falta de clareza na comunicação, compreensão equivocada da mensagem repassada e rigidez da dialética.

Cabe citar o conceito de dialética dentro do grupo focal tem grande importância, está intimamente ligada à capacidade do indivíduo em inserir-se no grupo desenvolvendo capacidade de trocar experiências, aprimorar o diálogo e a reflexão dos participantes. Entende-se que esse processo ocorre em forma tanto interna quanto externa por meio da relação do indivíduo com seu meio.

Assim, nota-se que as relações aprendidas ainda nos primeiros anos de vida detêm grande influência na qualidade com que esses indivíduos se relacionam dentro e fora de casa. Alguns participantes citaram sobre um desconforto inicial ao participarem de intervenções grupais, percebe-se que esses adolescentes em específico, não tinham muitos amigos, não se sentiam pertencentes a grupo nenhum. Esses aspectos refletem em mais um ponto importante de intervenção grupal com esse público, as possibilidades de ensino e treino de novas habilidades sociais entre os participantes.

Dessa forma, por meio dos discursos verificou-se que os adolescentes identificaram que, de fato, a intervenção grupal com os estudantes de psicologia foi percebida como uma ferramenta útil, na qual os adolescentes tiveram a oportunidade de aprenderem novas habilidades a partir das vivências compartilhadas por cada integrante. A principal mudança citada pelos participantes se refere à comunicação, os adolescentes conseguiram perceberem que a qualidade na comunicação se torna um fator importante para a manutenção de relações saudáveis.

Alguns vetores estão implicados no desenrolar do grupo operativo, a comunicação é classificada como 4º vetor desse processo, esta pode acontecer tanto verbal quanto não verbal. Um processo de comunicação bem estabelecido se configura em interpretar não apenas os conteúdos explícitos apontados pelos sujeitos, mas entender o como e o quem nesse processo. Assim esses adolescentes puderam perceber na prática que em todas as situações é fundamental que nossa comunicação esteja bem estabelecida, diminuído os ruídos ou falta de entendimento nos discursos.

O aprender a se comunicar foi identificado como um aprendizado que se configurou num processo de mudança vivida pelos adolescentes. O espaço dentro do grupo operativo proporciona condições para ensaio novas habilidades, gerando aprendizagens que permitem posteriormente serem colocadas em prática pelos participantes. Os participantes da pesquisa enfatizaram a necessidade e a importância do profissional de psicologia dentro desse ambiente escolar atuando como um facilitador desses processos grupais.

Assim, percebe-se a atuação da psicologia como extremamente necessária para que dentro do ambiente escolar os alunos tenham espaços que possibilitem troca de experiências,

discussões, aprendizagens, acolhimento. Diante das temáticas apresentadas no decorrer deste trabalho, percebe-se a importância do mesmo para o meio social, acadêmico e pessoal. Proporcionar espaços de escuta para esses adolescentes é promover qualidade de vida, visto que nessa fase muitos adolescentes se sentem acolhidos em seus grupos de amigos.

Entende-se que, como em toda pesquisa esta também apresentou alguns desafios no desenrolar deste trabalho. No primeiro momento houve uma dificuldade de engajamentos dos adolescentes para participarem desta pesquisa, entende-se que muitos não se sentem confortáveis com a exposição de opiniões dentro do grupo, aspecto este, já debatido no decorrer do trabalho. Nota-se que as conquistas advindas destas discussões dentro do grupo focal serviu como um fechamento para a experiência passada de participação no grupo, onde esses participantes puderam refletir sobre os benefícios advindos da vivência.

Desse modo, o objetivo geral deste trabalho foi alcançado, visto que foi percebido por meio dos discursos dos participantes que a utilização do grupo operativo dentro da escola, promoveu o aprimoramento de suas relações interpessoais. Assim, por meio deste trabalho entende-se que as temáticas citadas possibilitam refletir e promover novas pesquisas no ambiente acadêmico, sendo de grande importância por proporcionar espaços de escuta não apenas para os adolescentes, mas também pais, educadores.

Portanto, os dados apresentados no decorrer desta pesquisa podem proporcionar pesquisas futuras com temas voltados à adolescência, relacionamentos intrafamiliares, grupos operativos entre outros temas, evidenciou-se a necessidade de que pesquisas futuras venham a ocorrer em horários contra turno, visando uma maior participação dos indivíduos. Verificou a necessidade de ampliar estudos nessa linha, com possibilidades de criação de projetos como grupos de pais, grupos de integração entre família e a escola, criando espaço onde essas vivências possam ser compartilhadas.

REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal um enfoque psicanalítico**. Porto Alegre: Artmed, 1981. 92 p.
- AGUIAR, W. M. J. ; BOCK, A. M. B.; OZELLA, S. A orientação profissional com adolescentes: Um exemplo de prática na abordagem sócio histórica. In: A. M. B. BOCK; M. G. M. GOLÇALVES & O. FURTADO (orgs.). **Psicologia Sócio Histórica: Uma perspectiva crítica em psicologia** (pp. 163-178). São Paulo: Cortez, 2001.
- ALARCÃO, I. **A escola reflexiva e nova racionalidade**. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- AMARAL, V. L. **A dinâmica dos grupos e o processo grupo**. Natal: EDUFRN, 2007. Disponível em: <http://www.ead.uepb.edu.br/arquivos/cursos/Geografia_PAR_UAB/Fasciculos%20-%20Material/Psicologia_Educacao/Psi_Ed_A10_J_GR_20112007.pdf>. Acesso em: 10 de setembro de 2019.
- AMARAL, A. E. V *et al.* Serviços de psicologia em clínicas-escola: revisão de literatura. Bol. psicol, São Paulo, v. 62, n. 136, p. 37-52, jun. 2012 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432012000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 12 abr. 2020.
- ANTUNES, M. A. M. Psicologia Escolar e Educacional: história, compromissos e perspectivas. **Psicol. Esc. Educ. (Impr.)**, Campinas, v. 12, n. 2, p. 469-475, dezembro de 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572008000200020&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07 abr. 2020.
- ARAÚJO, A. **O grupo de adolescentes na escola e a percepção dos jovens participantes**. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte, 2007.
- ARAÚJO, A; ROCHA, R. L; ARMOND, L. C. **Da tendência grupal aos grupos operativos com adolescentes: A identificação dos pares facilitando o processo de orientação e educação em saúde**. Revista médica de Minas Gerais; 2007. Disponível em: <<http://rmmg.org/artigo/detalhes/1410>>. Acesso em: 24 de outubro de 2019.
- BASTOS, A B; B, I. **A técnica de grupos-operativos à luz de Pichon-Rivière e Henri Wallon**. **Psicol inf.**, São Paulo, v. 14, n. 14, p. 160-169, out. 2010 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-88092010000100010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 05 set. 2019
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BOCK, A. M. M. **Adolescência como uma construção social: Estudo sobre livro destino a pais e educadores**. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v11n1/v11n1a07>>. Acesso em: 16 de agosto. 2019.
- BORNHEIM, G. A. **Dialética Teoria e Práxis: Ensaio para uma crítica da fundamentação ontológica da dialética**. Porto Alegre, (ANO).

BOWLBY, J. **Uma base segura: Aplicações clínicas da teoria do apego**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

BRASIL. **Conselho Nacional de Saúde. Resolução n° 196**, de outubro de 1996. Aprova normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília: **Diário Oficial da União**, 1996.

BRASIL. Lei n°. 8069, de 13 de julho de 1990. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências**. 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm>. Acesso em: 30 de agosto de 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde: **Proteger e cuidar da saúde de adolescentes na atenção básica**. 2° edição. Brasília; 2018. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/proteger_cuidar_adolescentes_atencao_basica_2ed.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2019.

CABALLO, V. E. **Manual de Avaliação e Treinamento das Habilidades Sociais**. São Paulo: Santos; 2008.

CAREGNATO, R. C. A.; MUTTI, R. **Pesquisa Qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo**. **Texto Contexto Enferm**. 2006 Out-Dez; 15(4):679-84.

CAVALIERE, Ana. Maria. **Tempo de escola e qualidade na educação pública**. Educ. soc. Campinas, Vol.28, n.100 - especial, p. 1015-1035, out. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a1828100>>. Acesso em: 21 ago. 2019.

CROSNOE, R.; JOHNSON, M. K. **Research on adolescence in the twenty-first century**. *Annual Review of sociology*, 31 (1), 439-460, 2011.

DESOUSA, D. A; RODRIGUEZ, S. N; ANTONINE, C. Relacionamentos de amizade, grupo de pares e tribos urbanas na adolescência. In HABIGZANG, L. F; DINIZ, E. KOLLER, S. H (org). **Trabalhando com adolescentes. Teoria e intervenção psicológica**. São Paulo. 2014. Cap. 8, p.118-131.

DRUMMOND, M.; DRUMMOND FILHO, H. **Drogas: a busca de respostas**. São Paulo: 1998. Loyola.

DURKHEIM, E. **Sociology and Philosophy**. 1° ed. London: Routledge Revivals, 1953.

ERIKSON, E.H. **Identidade juventude e crise**. 2°. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

ERIKSON, E.H. **Identidade juventude e crise**. 2°. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FISCMANN, J. B. Como agem os grupos operativos. In: ZIMERMAN, D. E; OSORIO, L. C. **Como trabalhamos com grupos**. Porto Alegre: 1997. Cap. 9, pag. 95-100.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GIL, A. C. **Como elaborar um projeto de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, M. M. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

GIL, M. M. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOI, C. K; FREITAS, S. F. **A aprendizagem organizacional sob a perspectiva sócio-cognitiva**: Contribuições de Lewin, Bandura e Giddens. Revista de negócios, ISSN 1980-4431, Blumenau, v. 13, n. 4, p, 40-55, outubro/dezembro de 2008. Disponível em: <<https://gorila.furb.br/ojs/index.php/rn/article/view/747/911>>. Acesso em 31 ago. 2019.

LE BON, G. Psicologia das Multidões. 1º ed. WMF Martins Fontes, 1895.

GRATIOT-ALFANDÉRY, H. **Henri Wallon**. Tradução e organização Patrícia Junqueira. Fundação Joaquim Nabuco. Recife: Ed Massangana, 2010.

GONDIM, S. M. G. Grupos focais como técnicas de investigação qualitativa: Desafios metodológicos. Paidéia, 2003,12(24), 149-161. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v12n24/04.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2019.

HALL, G. S. **Adolescence: Its Psychology and Its Relations to Physiology, Anthropology, Sociology, Sex, Crime, Religion and Education**. Vol. 2. New York: D. Appleton and Company, 1904.

HARTUP, W. **A empresa que eles mantêm**: Amizades e seu significado no desenvolvimento. Desenvolvimento Infantil, 67, p. 1-13, 1996.

KNOBEL, M. In: **Adolescência normal um enfoque psicanalítico**. Porto Alegre: Artmed, 1981. 92 p.

KODA, M, Y; SILVA, D, V; MACHADO, M, A, S; NALDOS, S, M, S. **Grupo com agentes comunitários: A construção de novas possibilidades do cuidar**. São Paulo, 2012.

LEWIN, K. **Teoria de campo em ciência social**. São Paulo: Pioneira, 1965.

LOPES, E. B; LUZ, A. M. H; AZEVEDO, M. P. S. M. T; MORAES, W. T. **Metodologias participativas**. In: Associação Brasileira de Enfermagem- Projeto acolher. Adolescer: compreender, atuar, acolher, Brasília: ABEN; 2001. Disponível em: <<http://www.abennacional.org.br/revista/apresentacao6.html#Metodo>>. Acesso em: 23 ago. 2019.

LUCCHESI, J; CALIXTO, B, S; VERA, I; PAULA, N, I; VERONESE, C, L; FERNANDES, C, N, S. **O ensino de práticas grupais em enfermagem norteados pelo referencial de Pichon-Rivière**. Goiás, 2014.

MEIRA, M. E. M; ANTUNES, M. A. M (Organizadoras). **Psicologia escolar: Teorias e críticas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

MAILHIOT, G. B. **Dinâmica e gênese dos grupos. Atualidades das descobertas de Kurt Lewin**. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

MARTÍN-BARÓ, I. **Sistema, grupo e poder**. Psicologia social da América Central II. San Salvador: UCA Ed., 1989. (Coleção de textos universitários, 10).

MORAIS, N. A; LIMA, R; FERNANDES, J. Adolescência e contexto familiar. In: HABIGZANG, L. F; DINIZ, E. KOLLER, S. H (org). **Trabalhando com adolescentes. Teoria e intervenção psicológica**. São Paulo. 2014. Cap 7, p.102-115.

MORGAN, D. **Focus group as qualitative research: Qualitative Research Methods Series**. London: Sage Publications, 1997.

NIQUICE, F. L. A. Comportamento de risco na adolescência. In: HABIGZANG, L. F; DINIZ, E. KOLLER, S. H (org). **Trabalhando com adolescentes. Teoria e intervenção psicológica**. São Paulo. 2014. Cap 3, p.42-53.

NOGUEIRA, C. **Análise(s) do Discurso: Diferentes Concepções na Prática de Pesquisa em Psicologia Social**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, São Paulo, v. 24, n. 2, p.235-242, 2008.

OLIVEIRA, C. B. E. ; MARINHO-ARAÚJO, C. M.. **A relação família-escola: intersecções e desafios**. Estud. psicol. (Campinas), Campinas, v. 27, n. 1, p. 99-108, março de 2010.

OLIVEIRA, D, M; RENA, P, B, O; MENDONÇA, E, T; PEREIRA, E, T; JESUS, M,C, P; MERIGHT, M, A, B. O grupo operativo como instrumento de aprendizagem do cuidado por mães de filhos com deficiência. 2016. Disponível em: OLIVEIRA, M. C. S. L. **Identidade, narrativa e desenvolvimento na adolescência: Uma revisão crítica**. Psicologia em estudo, Maringá, v. 11, n. 2, p. 427-436, Mai/agos. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v11n2/v11n2a21>>. Acesso em: 10 set. 2019.

OSÓRIO, L. C. Grupoterapia com adolescentes. In: ZIMERMAN, D. E; OSORIO, L. C. **Como trabalhamos com grupos**. Porto Alegre. 1997. Cap. 29, p 321-329.

PAPALIA, D. E; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2013.

PEREIRA, T. T. S.O. **Pichón-Rivière, a dialética e os grupos operativos: Implicações para pesquisa e intervenção**. Ver. SPAGESP, Ribeirão Preto, 2013. v. 14, n. 1 p. 21-29.

PEREIRA, T. T. S. O. **Pichon-Rivière, a dialética e os grupos operativos: implicações para pesquisa e intervenção**. Rev. SPAGESP, Ribeirão Preto , v. 14, n. 1, p. 21-29, 2013.

PICHON-RIVIÈRE, E. **O processo grupal**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2005.

PICHON-RIVIÈRE, E. **Teoria do vínculo**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

PIAGET, J. **Os estágios de desenvolvimento intelectual da criança e do adolescente**. In: Piaget. Rio de Janeiro: Forense, 1972.

PIAGET, J. E INHELDER, B. Da Lógica da Criança a Lógica do Adolescente. São Paulo: Ed. Pioneira, 1976.

PORTARRIEU, M. L.; TUBERT-OKLANDER, J. Grupos operativos. In: Osório LC, organizador. **Grupoterapia hoje**. Porto Alegre (RS): Artes Médicas; 1989.

PRATI, L. E; HAACK, K. R; CIELO, R. M. Promovendo saúde: Encontros de bate-papo com adolescentes. In: In HABIGZANG, L. F; DINIZ, E. KOLLER, S. H (org). **Trabalhando com adolescentes. Teoria e intervenção psicológica**. São Paulo. 2014. Cap 14, p.210-223.

PRODANOV, C. C; FREITAS, E. C. M. Metodologia do trabalho científico: Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Rio Grande do Sul. 2013.

RODRIGUES, A. S. “**A definição do conceito de grupo e suas implicações no funcionamento do sistema. O caso das equipes cirúrgicas**”. Tese de doutorado, 2004. Disponível em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/22788/2/29879.pdf>>. Acesso em 31 ago. 2019.

RODRIGUÉZ, S. N; DAMÁSIO, B. F. Desenvolvimento da identidade e do sentido de vida na adolescência. In HABIGZANG, L. F; DINIZ, E. KOLLER, S. H (org). **Trabalhando com adolescentes. Teoria e intervenção psicológica**. São Paulo. 2014. Cap 2, p.30-41.

SHERIF, M., HARVEY, O.J., WHITE, B.J., Hood, W. R.; SHERIF, C. W. **Intergroup cooperation and competition The Robbers Cave experiment**. Oklahoma: University Book Exchange, 1961.

SANTOS, E. C; NETO, O. C. M; KOLLER, S. H. Adolescentes e adolescências. In: HABIGZANG, L. F; DINIZ, E. KOLLER, S. H (org). **Trabalhando com adolescentes. Teoria e intervenção psicológica**. São Paulo. 2014. Cap 1, p.17-29.

SILVA, P. S. M; VIANA, M. N; CARNEIRO, S. N.V. **O desenvolvimento da adolescência na teoria de Piaget**. 2011.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. A pesquisa científica. In GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (org). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Cap 2, p 31-42.

TALLÓN, M. A.; FERRO, M. J.; GÓMEZ, R.; PARRA, P. Evaluacion del clima familiar en una muestra de adolescentes. **Revista de Psicologia Geral y Aplicada**, 451-462. 1999.

TIBA, I. **Puberdade e adolescência**: Desenvolvimento biopsicossocial. 6º ed. São Paulo: Àgora, 1986.

VAN DEURSEN, A.; VAN DIJK, J. **Internet Skills and the digital divide**. *New Media e Society*, 13, 893-911. 2010.

WENDT, G. W.; LISBOA, C. Adolescência no contexto das novas tecnologias de informação e comunicação. In: HABIGZANG, L. F; DINIZ, E. KOLLER, S. H (org). **Trabalhando com adolescentes. Teoria e intervenção psicológica**. São Paulo. 2014. Cap 12, p.180-190.

WALLON, H; BERLINER, C. **Evolução Psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WAGNER, A; FALCKE, D; SILVEIRA, L. M. B. O.; & MOSMANN, C. P. **A comunicação em famílias com filhos adolescentes.** *Psicologia em Estudo*, 7(1), 75-80. 2002.

WAGNER, A.; CARPENEDO, C.; MELO, L. P.; SILVEIRA, P. G. **Estratégias de comunicação familiar:** A perspectiva dos filhos adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(2), 277-282. 2005.

ZIMERMAN, D. E; OSORIO, L. C. **Como trabalhamos com grupos.** Porto Alegre: Artes médicas, 1997. Cap. 29, p 321-329.

ZIMERMAN, D. E. Aplicação da dinâmica de grupo à escola. **Rev. SPAGESP**, Ribeirão Preto, v. 5, n. 5, p. 06-15, dez. 2004.

APÊNDICES



CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS

Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U. nº 198, de 14/10/2016
AELBRA EDUCAÇÃO SUPERIOR - GRADUAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO S.A.

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO- TCLE.

Seu filho (a), _____, está sendo convidado (a) para participar, como voluntário (a), da pesquisa de conclusão de curso intitulada **GRUPO OPERATIVO NA ESCOLA COMO FERRAMENTA DE APRIMORAMENTO DE RELAÇÕES INTERPESSOAIS NA ADOLESCÊNCIA**. Eu, Bianka Azevedo Moraes, sou acadêmica pesquisadora de Psicologia do Centro Universitário Luterano de Palmas, orientada pela Psicóloga e Professora Mestre Rosangela Veloso de Freitas Morbeck.

Abaixo serão esclarecidos detalhes sobre a pesquisa e se você, pai ou responsável concordar com a participação de seu filho (a) deverá assinar nos campos em que se pede seu nome e assinatura nesse documento, em duas vias iguais, sendo que uma delas ficará com você e a outra cópia ficará com a pesquisadora. Em caso de recusa, você não sofrerá nenhum tipo de penalidade.

1. Objetivo geral da pesquisa: Identificar como as intervenções de grupos operativos, no contexto escolar, promove o aprimoramento nos relacionamentos interpessoais na adolescência.
2. Justificativa: A adolescência é entendida pela ciência como uma fase normal do desenvolvimento humano, porém por outras pessoas na sociedade é conhecida popularmente como “aborrecência”. Os adolescentes passam por transformações biológicas, psicológicas e sociais e precisam lidar com suas próprias dificuldades ligadas ao amadurecer, deixando sua condição de criança para a preparação para a vida adulta. Portanto, propiciar um grupo de discussão na qual esses adolescentes possam partilhar suas experiências, exporem seus medos, abordarem sobre seus relacionamentos interpessoais e aprendizagens se fazem importante, principalmente no contexto escolar, pois é neste lugar onde esses adolescentes passam a maior parte do tempo.



CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS

Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U. nº 198, de 14/10/2016
AELBRA EDUCAÇÃO SUPERIOR - GRADUAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO S.A.

3. Procedimentos: A coleta de dados será iniciada e finalizada no mês de março de 2020, no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia (IFTO) campus Palmas. Serão realizados quatro encontros ao total até a finalização da pesquisa. Os três primeiros encontros à escola serão para apresentação da proposta de pesquisa para escola e autorização, definição da sala e horário de funcionamento do grupo, convidar os adolescentes a participarem da pesquisa e entrega dos termos e por último a recolha devidamente assinados. O quarto encontro será para coletar os dados. Serão disponibilizadas 12 vagas para participação do grupo focal, ficando a critério do adolescente se disponibilizar para participar, o encontro do grupo focal terá duração de 2 horas, o encontro será gravado em áudio para posterior transcrição e análise dos dados pela própria pesquisadora.
4. Benefícios esperados: Os benefícios que serão obtidos através desta pesquisa se dão principalmente ao participante. Esse adolescente possuirá um espaço grupal onde proporcionam momentos de reflexão, partilham de suas experiências, medos e aprendizagens. O adolescente experimenta vivenciar um espaço onde é compreendido em sua totalidade, transformando suas experiências e aprendizagens de quantidade para qualidade.
5. Riscos: Se tratando desta pesquisa os possíveis riscos podem ser sensações de medo, ansiedade, nervosismo, vergonha ao se expor na frente de outras pessoas. O participante da pesquisa será assistido, em virtude de possíveis danos decorrentes da pesquisa. Resolução CNS Nº 466/12 (II.3.1,II.3.2,III.2o e IV.3.c). Dessa forma a pesquisadora e a professora responsável se prontificarão em arcar com os custos necessários no cuidado e reparo do bem estar do participante, tendo ele direito de desistir a qualquer da pesquisa.
6. A Pesquisadora-responsável e a acadêmica pesquisadora se comprometem em garantir os esclarecimentos antes e durante o curso da pesquisa, sobre a metodologia;
7. A Pesquisadora-responsável e a acadêmica pesquisadora se comprometem com a liberdade que o sujeito terá de se recusar a participar ou retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização ou prejuízos;



CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS

*Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U. nº 198, de 14/10/2016
AELBRA EDUCAÇÃO SUPERIOR - GRADUAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO S.A.*

8. Pesquisadora-responsável e a acadêmica pesquisadora se comprometem com a garantia de sigilo quanto aos dados pessoais e confidenciais envolvidos na pesquisa, assegurando-lhe absoluta privacidade;

9. Ressarcimento e indenização: os dados referentes à participação na pesquisa serão assumidos pela pesquisadora acadêmica. Fica garantida a indenização em casos de danos comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial. Não há nenhum tipo de remuneração da participação, uma vez que se trata de ação voluntária.

É seu direito ter acesso aos resultados da pesquisa. Uma vez encerrada a pesquisa, será feito o contato marcando encontro para apresentá-los.

10. Autorização para Uso de Áudio: Quanto ao uso de áudio dos participantes para análise de dados ou divulgação de resultados, este somente poderá ser feito com a autorização expressa do participante, da qual constarão as formas de sua utilização e divulgação. Sendo que a pesquisadora se compromete a guardar por 5 anos as gravações, depois desse prazo todo o material será destruído.

CONTATOS

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP.
Endereço: Avenida Teotônio Segurado 1501 Sul - Palmas – TO CEP 77018-900. Telefone:
(63) 3219-8076. E-mail: etica@ceulp.edu.br

Bianka Azevedo Morais
Endereço: 1306 sul Av Lo 29 Qd 01 Lt 17
E-mail: bianka-azevedo@hotmail.com

Rosângela Veloso Freitas Morbeck.
Endereço: Av. Teotônio Segurado, 1501 Sul, S/N,
Plano Diretor Sul.
E-mail: rosangela.morbeck@ceulp.edu.br

Participante

Responsável pelo Participante

Acadêmica pesquisadora

Pesquisadora Responsável



CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS

*Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U. nº 198, de 14/10/2016
AELBRA EDUCAÇÃO SUPERIOR - GRADUAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO S.A.*

APÊNDICE B

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TALE.

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa de conclusão de curso intitulada **GRUPO OPERATIVO NA ESCOLA COMO FERRAMENTA DE APRIMORAMENTO DE RELAÇÕES INTERPESSOAIS NA ADOLESCÊNCIA**. Nessa pesquisa pretende-se descobrir se a participação em um grupo operativo na escola promove novas habilidades de relacionamentos em adolescentes do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia (IFTO) campus Palmas.

O motivo que leva a realizar esta pesquisa se dá pela importância de entender como a adolescência é vivida pelos indivíduos, sendo que essa fase possui algumas características marcantes no aspecto biológico, social e psicológico, além de predominantemente vivenciarem essa fase em grupos, aprendendo novas formas de relacionar-se. Dessa forma o grupo operativo na escola proporciona aos adolescentes aprenderem uns com os outros, no contato real e presente.

Para participar desta pesquisa, você fará parte de um grupo focal com disponibilidade de 12 vagas. Será realizado um único encontro para colher os dados da pesquisa, com duração de 2 horas, previsto para iniciar no dia 9 do mês de março de 2020. Durante o encontro ocorrerá a gravação em áudio das discussões, para posteriormente serem transcritos pela própria pesquisadora. Você foi escolhido (a) para participar desse grupo focal, pelo fato de ter participado do grupo operativo na escola.

Você será esclarecido (a) em qualquer aspecto que vier a ter dúvida e estará livre para participar ou recusar a qualquer momento. Para participar desta pesquisa, o seu responsável deverá autorizar assinando um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para menores ou incapazes. Você e seu responsável poderão retirar o consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento no decorrer da pesquisa sem nenhum prejuízo. Tal participação é voluntária e a recusa em não participar não acarretará nenhuma penalidade. A pesquisadora garante que tratará com sigilo sua identidade e seus dados, assim



CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS

*Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U. nº 198, de 14/10/2016
AELBRA EDUCAÇÃO SUPERIOR - GRADUAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO S.A.*

nenhum dado será divulgado. Esta pesquisa apresenta alguns riscos como: Medo, ansiedade e vergonha de expor seus sentimentos e ideias para outras pessoas. Os participantes da pesquisa serão assistidos, em virtude de possíveis danos decorrentes da pesquisa. Resolução CNS Nº 466/12 (II.3.1,II.3.2,III.2o e IV.3.c). Dessa forma a pesquisadora e a professora responsável se prontificarão em arcar com os custos necessários no cuidado e reparo do bem estar do participante. E tem como benefício um espaço grupal onde possa proporcionar momentos de reflexão, poderá partilhar suas experiências, medos e aprendizagens.

Assim forma o adolescente experimenta e transformando suas experiências e aprendizagens de quantidade para qualidade. Os resultados estarão à sua disposição quando a pesquisa for finalizada. Seu nome e qualquer material que comprove sua participação não serão expostos sem a sua permissão e do seu responsável. Quanto ao uso de áudio dos participantes para análise de dados ou divulgação de resultados, este somente poderá ser feito com a autorização expressa do participante, da qual constarão as formas de sua utilização e divulgação. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com a pesquisadora por um período de cinco anos, após esse prazo serão destruídos. Este termo de Assentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo uma cópia ficará arquivada com a pesquisadora responsável e a outra fornecida a você.

Eu, _____, declaro que fui informado (a) sobre os objetivos da presente pesquisa. Sei que a qualquer momento poderei solicitar qualquer informação, e que meu responsável poderá modificar sua escolha quanto a minha participação na pesquisa. Tendo o Termo de Consentimento do meu responsável devidamente assinado, declaro que concordo em participar desta pesquisa. Declaro ainda que recebi uma cópia deste termo de assentimento e me foi dada a oportunidade de esclarecer qualquer dúvida a respeito.

Palmas, _____ de _____ de _____.

Participante

Acadêmica pesquisadora

Pesquisadora responsável

ANEXOS

ANEXO A

**DECLARAÇÃO DE CONCORDÂNCIA DA INSTITUIÇÃO E/OU ORGANIZAÇÃO PARTICIPANTE**

Eu, Wendell Eduardo Moura Costa, abaixo assinado, responsável pelo Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia, participante no projeto de pesquisa intitulado: GRUPO OPERATIVO NA ESCOLA COMO FERRAMENTA DE APRIMORAMENTO DE RELAÇÕES INTERPESSOAIS NA ADOLESCÊNCIA, proposto pelo pesquisador (a) Bianka Azevedo Moraes, vinculado ao Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA), DECLARO ter lido e concordar com a proposta de pesquisa, bem como conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Norma Operacional n.º 001/2013, a Resolução CNS n.º 466/2012, a Resolução CNS n.º 510/2016 e suas complementares. Esta instituição está ciente de suas corresponsabilidades e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos participantes, dispondo de infraestrutura necessária para garantir a realização das ações previstas no referido projeto/pesquisa, visando à integridade e proteção dos participantes da pesquisa.

Palmas, _____ de _____ de _____.

Assinatura e **CARIMBO** do (a) responsável institucional

ANEXO B



DECLARAÇÃO DE CONCORDÂNCIA DA INSTITUIÇÃO E/OU ORGANIZAÇÃO PARTICIPANTE

Eu, Wendell Eduardo Moura Costa, abaixo assinado, responsável pelo Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia, participante no projeto de pesquisa intitulado: GRUPO OPERATIVO NA ESCOLA COMO FERRAMENTA DE APRIMORAMENTO DE RELAÇÕES INTERPESSOAIS NA ADOLESCÊNCIA, proposto pelo pesquisador (a) Biana Azevedo Moraes, vinculado ao Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULIVULBRA), DECLARO ter lido e concordar com a proposta de pesquisa, bem como conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Norma Operacional n.º 001/2013, a Resolução CNS n.º 466/2012, a Resolução CNS n.º 510/2016 e suas complementares. Esta instituição está ciente de suas corresponsabilidades e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos participantes, dispondo de infraestrutura necessária para garantir a realização das ações previstas no referido projeto/pesquisa, visando à integridade e proteção dos participantes da pesquisa.

Palmas, 23 de Outubro de 2019

Assinatura e CARIMBO do (a) responsável institucional

Wendell Eduardo Moura Costa
Diretor Geral
Portaria nº 352/2018